

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**PROPOSTA DE UM SISTEMA DE
CONTROLE FINANCEIRO:
UM ESTUDO DE CASO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO

**Vagner Naysinger Machado
Walter Anderson Pillon**

Santa Maria, RS, Brasil

2007

**PROPOSTA DE UM SISTEMA DE
CONTROLE FINANCEIRO:
UM ESTUDO DE CASO**

por

**Vagner Naysinger Machado
Walter Anderson Pillon**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Ciências Contábeis,
do Centro de Ciências Sociais e Humanas, da
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS),
como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientadora: Prof^a. Selia Gräbner

Santa Maria, RS, Brasil

2007

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Curso de Ciências Contábeis**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova o Trabalho de Conclusão

**PROPOSTA DE UM SISTEMA DE CONTROLE FINANCEIRO:
UM ESTUDO DE CASO**

elaborado por

**Vagner Naysinger Machado
Walter Anderson Pillon**

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Contábeis

COMISSÃO EXAMINADORA

Selia Gräbner, Prof^a. Msc. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Wanderlei José Ghilardi, Prof. Msc. (UFSM)

Marivane Vestena Rossato, Prof^a. Dr. (UFSM)

Santa Maria, 15 de agosto de 2007.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, agradecemos a Deus principalmente pela oportunidade de hoje estarmos aqui. Por todas as provações, dificuldades e desafios que foram colocados em nosso caminho até este momento, e pela força que nos foi dada para superar tais, nos fazendo mais fortes e nos mostrando o quanto somos capazes, capazes de tudo se tivermos fé.

A esta instituição, por nos ter aberto suas portas e proporcionado o privilégio de fazer parte do grupo de graduados formados com a marca da Universidade Federal de Santa Maria.

A todos os professores, que de uma forma ou outra nos acolheram durante o curso, nos transmitindo o conhecimento e sua experiência de vida, talvez esta ainda mais valiosa que o primeiro. Em especial, queremos ressaltar dois nomes: o de nossa orientadora, prof^a. Selia Gräbner, por todo o apoio e dedicação, apesar das dificuldades que se encontrava no momento, e o prof. Wanderlei Ghilardi, que se mostrou durante o curso mais que um professor, um incentivador.

As nossas famílias, pelo simples fato de nos transmitirem a sensação de que sempre estarão lá para o que precisarmos. Em especial, a nossos pais e irmãos, pelos esforços nunca medidos e pelo amor nunca negado.

Ainda, aqueles que são nossos amigos. Pelos sorrisos ofertados, pelas conversas jogadas fora, pela cumplicidade oferecida, pela amizade.

Finalmente, sem exceção, a todos nossos colegas, pelo convívio destes quase cinco anos, em especial, a Zumbizera, pelas festas, pelo futebol, pelos estudos, pelo crescimento que juntos tivemos durante este período. Isto nunca será esquecido!

A todos o nosso sincero Muito Obrigado.

“O tempo é muito lento para os que esperam, muito rápido para os que têm medo,
muito longo para os que lamentam, muito curto para os que festejam.
Mas, para os que amam, o tempo é eternidade”.

“O futuro tem muitos nomes: para os fracos, ele é inatingível; para os temerosos, ele
é desconhecido; para os corajosos, ele é a chance...”

“Tudo é precioso para aquele que foi, por muito tempo, privado de tudo”.

[Friedrich Nietzsche](#)

RESUMO

Trabalho de Conclusão de Curso
Curso de Ciências Contábeis
Universidade Federal de Santa Maria

PROPOSTA DE UM SISTEMA DE CONTROLE FINANCEIRO: UM ESTUDO DE CASO

AUTORES: VAGNER NAYSINGER MACHADO E WALTER ANDERSON PILLON
ORIENTADORA: PROF^a. SELIA GRÄBNER

Data e Local de Defesa: Santa Maria, 15 de agosto de 2007.

Dentro de um contexto de acirrada disputa do mercado empresarial, o controle financeiro de uma empresa, independentemente de seu porte, torna-se peça fundamental para boa gestão do negócio. Este estudo foi realizado com o objetivo de levantar e apurar os dados financeiros da empresa em determinado período, de forma que permitisse efetuar uma análise situacional desta. Sendo assim, foi apurado o Fluxo de Caixa da empresa, durante o período analisado, e conforme esse, apresentada uma condição favorável em relação ao saldo de seu caixa. Contudo, não é esta a realidade vivida pela organização, que recorre ao desconto de títulos, como forma de origem de recursos a curto prazo. Dentre outros fatores que causam essa situação, é atribuído à ausência de um sistema de controle financeiro grande parte da responsabilidade por esse panorama. Diante disso, é conveniente sugerir um sistema de controle financeiro, adaptado às necessidades do negócio, de acordo com suas práticas e rotinas, que lhe possibilite realizar um adequado planejamento. Dessa forma conclui-se que o controle financeiro proposto, desde que bem operado, atende aos anseios da empresa em questão e pode auxiliar no rumo a ser tomado pela administração da entidade.

Palavras-chave: análise financeira; controle financeiro; fluxo de caixa

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Elementos Básicos da Contabilidade Financeira e Contabilidade Gerencial.....	34
Quadro 2 - Demonstração do Fluxo de Caixa.....	40
Quadro 3 - Fluxo de Caixa Mês de Fevereiro 2007 – Pillon Ltda.....	43
Quadro 4 - Representação Percentual dos Gastos - Fevereiro/2007 – Pillon Ltda.....	44
Quadro 5 - Representação Percentual dos Gastos em relação ao Total de Entradas – Fevereiro/2007 – Pillon Ltda.....	44
Quadro 6 - Fluxo de Caixa Mês de Março 2007 – Pillon Ltda.....	45
Quadro 7 - Representação Percentual dos Gastos - Março/2007 – Pillon Ltda.....	46
Quadro 8 - Representação Percentual dos Gastos em relação ao Total de Entradas – Março/2007 – Pillon Ltda.....	46
Quadro 9 - Fluxo de Caixa Mês de Abril 2007 – Pillon Ltda.....	47
Quadro 10 - Representação Percentual dos Gastos - Abril/2007 – Pillon Ltda.....	48
Quadro 11 - Representação Percentual dos Gastos em relação ao Total de Entradas –Abril/2007 – Pillon Ltda.....	48
Quadro 12 - Representação Percentual dos Gastos – Fevereiro a Abril/2007 – Pillon Ltda.....	49
Quadro 13 - Variação Percentual das Entradas – Fevereiro a Abril/2007 – Pillon Ltda.....	49
Quadro 14 - Planilha de Contas a Receber – Pillon Ltda.....	51
Quadro 15 - Planilha de Contas a Pagar – Pillon Ltda.....	53
Quadro 16 - Planilha de Planejamentos – Pillon Ltda.....	55
Quadro 17 - Planilha de Fluxo de Caixa Diário – Pillon Ltda.....	56
Quadro 18 - Planilha do Resumo Mensal – Pillon Ltda.....	57

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A - Movimentação do caixa – Pillon Ltda – Fevereiro – 2007.....	65
APÊNDICE B - Movimentação do caixa – Pillon Ltda – Março – 2007.....	68
APÊNDICE C - Movimentação do caixa – Pillon Ltda – Abril – 2007.....	72

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	12
2.1 A empresa.....	12
2.1.1 Micro e pequenas empresas.....	12
2.1.1.1 Sebrae.....	13
2.1.1.2 Enquadramento.....	13
2.1.1.3 Importância das micro e pequenas empresas.....	14
2.1.1.4 Dificuldades das micro e pequenas empresas.....	15
2.1.1.4.1 Questão gerencial..	15
2.2 Contabilidade.....	17
2.2.1 Origem da contabilidade.....	17
2.2.2 Conceitos de contabilidade.....	18
2.2.3 Objeto da contabilidade.....	19
2.2.4 Objetivos da contabilidade.....	20
2.2.4.1 Informação contábil.....	21
2.2.5 Usuários da contabilidade.....	23
2.2.6 Técnicas contábeis.....	24
2.2.7 Campos de aplicação da contabilidade.....	25
2.2.8 Áreas ou ramos da contabilidade.....	25
2.3 Contabilidade financeira.....	26
2.3.1 Conceitos de contabilidade financeira.....	26
2.3.2 Princípios fundamentais de contabilidade.....	27
2.3.3 Demonstrações contábeis ou financeiras.....	28
2.4 Contabilidade gerencial.....	29
2.4.1 Conceitos de contabilidade gerencial.....	29
2.4.2 Importância da contabilidade gerencial.....	30
2.4.3 Objetivos da contabilidade gerencial.....	31

2.4.4 Ferramentas gerenciais.....	31
2.4.5 Diferenças entre contabilidade gerencial e financeira.....	33
2.5. Controle financeiro.....	34
2.5.1 Fluxo de caixa.....	35
2.5.1.1 Conceitos de fluxo de caixa.....	35
2.5.1.2 Importância fluxo de caixa.....	36
2.5.1.3 Objetivos do fluxo de caixa.....	37
2.5.1.4 Métodos de elaboração de fluxo de caixa.....	38
2.5.1.4.1 Método direto.....	38
2.5.1.4.2 Método indireto.....	39
2.5.1.5 Exemplo de fluxo de caixa.....	40
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	41
3.1 Características da empresa.....	41
3.2 Análise e levantamento dos dados de empresa.....	41
3.3 Controle financeiro proposto.....	50
4 CONCLUSÃO.....	59
REFERÊNCIAS.....	61
APÊNDICES.....	64
Apêndice A.....	65
Apêndice B.....	68
Apêndice C.....	72

1 INTRODUÇÃO

A sociedade mundial passa por mudanças aceleradas, resultado da globalização e das constantes inovações tecnológicas. No ramo empresarial, tais alterações formam um cenário complexo e altamente competitivo.

A contabilidade ganha papel de destaque nesta situação, pois através dela que pode-se apurar a saúde financeira das empresas. É necessário que estas disponham de informações complementares àquelas que a contabilidade tradicional apresenta, tanto nas pequenas, como nas grandes empresas.

As micro e pequenas empresas, assim como as demais, estão inseridas nesta realidade. Segundo Koteski (2004), esse tipo de empreendimento é um dos principais pilares de sustentação da economia brasileira, seja por sua enorme capacidade geradora de empregos, seja por seu gigantesco número de estabelecimentos espalhados por todo o país.

Mesmo com as micro e pequenas empresas representando um papel de destaque na economia brasileira e mundial, no Brasil a falência dos pequenos empreendimentos atinge números preocupantes. Conforme Palermo (2002), a maioria das empresas encerra suas atividades com pouco mais de um ano de exercício social. Além da mortalidade precoce, existem as microempresas que mantêm suas atividades por um considerável período de tempo, de maneira precária e com sérias dificuldades financeiras.

Diversos são os fatores apontados para o problema enfrentado pelas pequenas empresas, porém acredita-se que um dos principais, é a falta de uma contabilidade gerencial e de um controle de gestão por parte dos proprietários desse tipo de empresa no Brasil.

Inúmeras são as situações que a empresa se depara com a necessidade de tomar decisões sobre os mais diversos aspectos. No ramo empresarial, a contabilidade é a grande responsável por nortear os gestores e administradores nas decisões a serem tomadas sobre o futuro do patrimônio das empresas. Conforme Hendriksen & Van Breda (1999), a função da contabilidade é fornecer informação, principalmente de natureza financeira, de utilidade para tomada de decisões.

O estudo aborda a realidade de uma pequena empresa, onde seu gestor conta com uma contabilidade que atende única e exclusivamente às necessidades do fisco. Sob o aspecto gerencial, ele não dispõe de informações que possam

determinar a real situação financeira de seu empreendimento, de maneira que isto seja um grande problema quanto ao fluxo de caixa e à capacidade de pagamento em tempo hábil.

Diante disso, fica evidente a necessidade das empresas adaptarem sua estrutura interna, a fim de suportar as exigências do mercado e aprimorarem seus métodos de controle de gestão, buscando maior eficiência e eficácia na utilização dos recursos que dispõem.

Tendo em vista todos os aspectos mencionados, foi realizado um estudo de caso na empresa Pillon Ltda, que se mantém há, aproximadamente, dez anos no mercado, e encontra-se em grande dificuldade financeira, objetivando a sugestão de um sistema de controle financeiro que possibilite à empresa desfrutar de um maior controle com o intuito de alcançar uma vida econômica mais saudável.

Para tanto, a pesquisa objetivou, com base na apuração dos dados contábeis, econômicos e financeiros da empresa, a elaboração de um Fluxo de Caixa verificando a capacidade da empresa de honrar seus compromissos. Por fim, o estudo de caso foi desenvolvido visando à apresentação de um sistema de controle financeiro para a empresa Pillon Ltda, localizada em Santa Maria – RS, a qual tem como ramo de atividade, a vigilância e o monitoramento de sistemas de segurança.

Para a execução do estudo utilizou-se como metodologia de pesquisa, o estudo de caso. De acordo com Cervo *et al.* (2006, p.62) o estudo de caso é uma forma de pesquisa descritiva e consiste em: "uma pesquisa sobre determinado indivíduo, família, grupo ou comunidade que seja representativo de seu universo, para examinar aspectos variados de sua vida".

Gil (1991) cita que o estudo de caso é fundamentado por um estudo de grande alcance e exaustivo de um ou de poucos objetos selecionados para tal ação permitindo o conhecimento amplo e detalhado do mesmo.

Como base teórica, o estudo foi fundamentado por uma revisão bibliográfica sobre o tema abordado, que retrata as idéias de diversos autores sobre os assuntos a serem refletidos.

Para uma melhor didática, o trabalho foi dividido em capítulos, que correspondem à revisão bibliográfica, resultados e discussões e a conclusão final.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 A empresa

Uma empresa nasce da necessidade e interesse de seus idealizadores e forma uma organização focada na obtenção de seus objetivos pré-estabelecidos, sejam eles com finalidade lucrativa ou não. As empresas produzem e oferecem praticamente totalidade dos bens e serviços, e é considerada a unidade de produção básica que contrata trabalho e compra fatores com a finalidade de vender bens e serviços.

De acordo com Araújo (2006, p.4) a empresa econômica:

É uma organização produtiva que opera no tempo, guiada pela atividade do empresário, e que, sob o ponto de vista funcional ou dinâmico, aparece como uma força em movimento: a atividade empresarial dirigida para um determinado escopo produtivo.

Arantes (1998) afirma que as empresas são compostas por três componentes internos básicos: os empreendedores que criam e mantêm a empresa, os colaboradores que correspondem a mão-de-obra necessária para o desenvolvimento da empresa e o empreendimento que compreende o conjunto de bens tangíveis e intangíveis que tornam possível as atividades operacionais da entidade.

O mundo empresarial está cada vez mais competitivo e exige das empresas uma estruturação necessária para manter-se no mercado. As empresas são divididas entre outros fatores pelo seu porte, ou seja, de grande, médio ou pequeno porte.

2.1.1 Micro e pequenas empresas

No Brasil, a maioria das empresas é considerada como de pequeno porte ou como microempresa. Esses tipos de estabelecimentos inseridos no mercado empresarial contam com a gigantesca concorrência das grandes empresas e muitas vezes sobrevivem com muitas dificuldades ou falecem com pouco tempo de vida.

2.1.1.1 SEBRAE

Desde os anos 60, as micro e pequenas empresas brasileiras, contam com um apoio do governo federal através de programas de financiamento. Em 1972, surge o CEBRAE – Centro Brasileiro de Assistência Gerencial à Pequena Empresa. E em 09 de outubro de 1990, o decreto nº. 99.570, que regulariza a Lei nº. 8.029 de 12 de abril de 1990, transforma o CEBRAE em SEBRAE – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – um órgão de serviço social autônomo, sem vinculação com a administração pública.

O artigo 5º do Estatuto do SEBRAE traz como objetivo da instituição:

Fomentar o desenvolvimento sustentável, a competitividade e o aperfeiçoamento técnico das microempresas e das empresas de pequeno porte industriais, comerciais, agrícolas e de serviços, notadamente nos campos da economia, administração, finanças e legislação; da facilitação do acesso ao crédito; da capitalização e fortalecimento do mercado secundário de títulos de capitalização daquelas empresas; da ciência, tecnologia e meio ambiente; da capacitação gerencial e da assistência social, em consonância com as políticas nacionais de desenvolvimento.

O SEBRAE fornece um apoio ao pequeno empresário desde a idealização do negócio e sugere diversos procedimentos para a manutenção do empreendimento. O apoio é oferecido aos empresários interessados, dentre outras maneiras, através de pesquisas de campo, estatísticas, palestras, seminários e serviços pela internet, visando principalmente orientar os empreendedores em relação ao seu negócio.

2.1.1.2 Enquadramento

De acordo com o SEBRAE, é importante estabelecer critérios que definam o tamanho das empresas, facilitando a distribuição de certos benefícios e incentivos, oferecidos pelo governo federal, àquelas empresas que enquadram-se como micro e pequenas.

O estatuto do SEBRAE, de 1999, adota como critério de definição de micro e pequena empresa, a receita Bruta anual. Sendo os limites, os seguintes:

- Microempresa: receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 433.755,14;
- Empresa de Pequena Porte: receita bruta anual superior a R\$ 433.755,14 e igual ou inferior a R\$ 2.133.222,00.

Esses critérios são tomados como base para diversos programas de créditos do governo federal em apoio às micros e pequenas empresas.

Além da norma proposta no estatuto, o SEBRAE adota o número de pessoas que ocupam as empresas, como parâmetro para seu enquadramento. Este é utilizado principalmente, em estudos na participação das microempresas na economia brasileira. Os limites são os seguintes:

- Microempresa: Na Indústria e construção: até 19 pessoas ocupadas; No comércio e serviços: até 9 pessoas ocupadas;

- Pequena Empresa: Na indústria e construção: de 20 a 99 pessoas ocupadas; No comércio e serviços: de 10 a 49 pessoas ocupadas.

2.1.1.3 Importância das micro e pequenas empresas

As estatísticas mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que o total de empresas em atividade no Brasil, em 2002, alcançava 4.918.370 unidades divididas nos setores da indústria, construção, comércio e serviços. Atualmente, o conjunto de micro e pequenas empresas alcançam 99,2% do total.

As empresas de grande porte que empregam 500 ou mais pessoas na indústria e 100 ou mais no comércio e serviços, somam 15.102 unidades, representando apenas 0,3% do total de empresas.

Em termos estatísticos, esse segmento empresarial representa 25% do Produto Interno Bruto - PIB, gera 14 milhões de empregos (60% do emprego formal no país), além de se constituir na maioria dos 6 milhões de estabelecimentos formais existentes, respondendo ainda por 99,8% das empresas que são criadas a cada ano, segundo dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE.

Grzybovski & Tedesco (2000) destacam a importância das micro e pequenas empresas em nível mundial, quando citam que uma das formas de compreender o porquê de alguns países hoje serem desenvolvidos, com economia sólida e distribuição de renda mais equilibrada, está nas políticas de apoio às micro e pequenas empresas adotadas há mais de trinta anos.

Corroborando para a importância das MPE's para os países em geral, tomando como exemplo, a nação que a economia é considerada a maior do mundo,

os Estados Unidos, e analisando os dados da *Small Business Administration - SBA*, principal órgão americano de apoio às MPE's, Oliveira (2004), destaca que as pequenas empresas daquele país empregam 51% da mão-de-obra do setor privado - sendo 38% no segmento de alta tecnologia -, respondem por 75% dos novos postos de trabalho, contribuem com 51% da produção de bens e serviços do setor privado e representam 96% dos exportadores de bens.

Evidencia-se, assim, a grande importância dos pequenos empreendimentos no Brasil e no mundo. Em nosso país, tais empresas necessitam de uma melhor estruturação interna, comandada pelos gestores e também externa a empresa, sob a direção do governo.

2.1.1.4 Dificuldades das micro e pequenas empresas

No primeiro trimestre de 2004, o SEBRAE realizou uma pesquisa nacional para a avaliação das taxas de mortalidade das micro e pequenas empresas nas cinco regiões do Brasil, referentes às empresas constituídas e registradas nos anos de 2000, 2001 e 2002, com base em dados cadastrais das Juntas Comerciais Estaduais.

A pesquisa revelou as seguintes taxas de mortalidade:

- 49,4% para as empresas com até 2 anos de existência (2002);
- 56,4% para as empresas com até 3 anos de existência (2001);
- 59,9% para as empresas com até 4 anos de existência (2000).

Como também destaca Okamoto (2005), o índice de mortalidade das micro e pequenas empresas é alto e chega a ser vergonhoso, atingindo em média 50% nos dois primeiros anos de funcionamento.

O que diversos estudos e pesquisas relatam há bastante tempo, é uma realidade cada vez mais difícil para as pequenas empresas no Brasil decorrentes de fatores internos e externos.

2.1.1.4.1 Questão gerencial

Vários são os fatores apontados por pesquisadores, pelo governo e pelos proprietários das pequenas empresas para a morte prematura e pela sobrevivência

difícil de seus empreendimentos. Todavia, um aspecto merece destaque: a falta ou falha de controle gerencial.

Estudos realizados pelo SEBRAE (2004), apontam como alguns dos principais fatores responsáveis pela mortalidade e condições precárias de manutenção das atividades das microempresas: falhas gerenciais, tais como: falta de conhecimentos gerenciais, falta de capital (descontrole do fluxo de caixa) de giro e problemas financeiros.

Dentre os aspectos relacionados às falhas gerenciais, destaca-se a falta de capital de giro. Esse problema pode ser explicado analisando-se os motivos que levam as pessoas a aventurar-se no mundo empresarial. Estudos realizados (SEBRAE), mostram que os fatores que impulsionam a constituição de uma nova empresa são os seguintes: o desejo de ter o próprio negócio, o desemprego e a conseqüente indenização recebida, a identificação de uma oportunidade de negócio e a necessidade de aumentar a renda e obter assim uma melhoria de vida.

Pesquisas feitas pelo SEBRAE (2002), revelam que 69% dos proprietários de micro e pequenas empresas falidas eram remunerados no primeiro ano de funcionamento. Torna-se visível a interpretação equivocada do termo ROI, que é a sigla inglesa para *Return on Investment* (Retorno sobre o Investimento), que representa a taxa de retorno sobre um investimento.

Conforme Ludícibus (1980) de maneira geral deve-se relacionar o lucro de um empreendimento com algum valor que expresse a dimensão relativa do mesmo, para analisar como se saiu a empresa em determinado período. Essa dimensão pode ser o volume de vendas, o valor do ativo total, do ativo operacional ou do patrimônio líquido.

Fica claro que, a maioria dos empresários iniciantes, busca em suas novas empreitadas uma solução em curto prazo para seus problemas financeiros; lançando-se no competitivo mundo empresarial e dispondo apenas de um limitado capital para a abertura do seu negócio. Assim, se configura a situação inicial de mais um empreendimento: descapitalizado, sem garantia de sustentabilidade, com o fluxo de caixa distorcido e com incertos resultados na atividade desenvolvida.

2.2 Contabilidade

2.2.1 Origem da contabilidade

A contabilidade não possui uma origem única e certa, sua história é tão antiga, quanto a própria história da civilização. Está relacionada às primeiras manifestações humanas da necessidade social de proteção à posse e de interpretação dos fatos ocorridos com o objeto material de que o homem sempre dispôs para alcançar os fins propostos.

Embora, a contabilidade tenha surgido nos primórdios da civilização, seu real desenvolvimento dá-se com o advento do comércio. Gradativamente, as trocas e vendas entre os povos antigos, requeriam um maior controle de seus “bens”, de suas propriedades, recorrendo assim à contabilidade, mesmo que de maneira rudimentar.

Hendriksen & Van Breda (1999) ressaltam que a contabilidade é fruto do Renascimento Italiano, alegando que as idéias desse movimento foram imprescindíveis para o seu desenvolvimento. Alguns condicionam o sucesso das forças renascentistas à invenção da contabilidade por partidas dobradas, pois ela formou uma base para o desenvolvimento do capitalismo privado, gerador da riqueza que sustentou o artista, o músico, o religioso e o escritor.

Neste cenário de revoluções culturais, surge a figura de um frei franciscano chamado Luca Pacioli, considerado até hoje, como o primeiro codificador do sistema de partidas dobradas. Isso graças a publicação, em 1494, na cidade de Veneza, de seu livro intitulado de *Summa de arithmética, geometria, proportioni et proportionalitá*.

Conforme citado por Ludícibus & Marion (2002, p.38) “Pacioli decifrou um enigma que permitiu, pela primeira vez, que pessoas tomassem decisão e previssem o futuro com a ajuda dos números”. Desde então a contabilidade como ciência, passou por diversas fases, como a Literatura Contábil e, posteriormente, a chamada Idade Contemporânea, a qual pendura até os dias de hoje. Paralelamente ocorreram diversas transformações no cenário mundial, como a globalização, o advento da tecnologia e suas constantes mutações, entre outras.

Fica evidente que a contabilidade surgiu junto ou de forma paralela a civilização da vida humana, obteve um desenvolvimento com a origem do comércio,

e com o renascimento cultural. Mantém um elo permanente com o capitalismo, e é de certo modo flexível, ao ponto de adequar-se as modificações que o homem vem sofrendo com o passar dos anos. Porém, todas essas mudanças não fizeram com que a contabilidade perdesse o seu fundamento básico: o sistema de escrituração por partidas dobradas.

2.2.2 Conceitos de contabilidade

Vários são os conceitos existentes de contabilidade, sendo que a grande maioria destes ressalta o estudo do patrimônio da entidade, enfatizando a informação gerada pela contabilidade para a tomada de decisões.

De acordo com Gonçalves & Baptista (1996), a contabilidade é definida como a ciência que objetiva o estudo do patrimônio de qualquer ente utilizando métodos especiais desenvolvidos para coletar, registrar, acumular, resumir e analisar todos os fatos que afetam a situação patrimonial de uma pessoa.

Conforme Ludícibus (1998, p.08) a contabilidade pode ser conceituada como sendo: “o método de identificar, mensurar e comunicar informação econômica, financeira, física e social, a fim de permitir decisões e julgamentos adequados por parte dos usuários da informação”.

Já, Franco (1997, p.19), ressalta que a contabilidade na acepção ampla do conceito de ciência, é uma das ciências econômicas e administrativas e a define como:

Ciência que estuda os fenômenos ocorridos no patrimônio das entidades, mediante o registro, a classificação, a demonstração expositiva, a análise e a interpretação desses fatos, com o fim de oferecer informação e orientação – necessárias à tomada de decisões – sobre a composição do patrimônio, suas variações e o resultado econômico decorrente da gestão da riqueza patrimonial.

Conforme, a Estrutura Conceitual Básica da Contabilidade – Deliberação CVM nº. 29 de 05/02/1986:

A Contabilidade é, objetivamente, um sistema de informação e avaliação destinado a prover seus usuários com demonstrações e análises de natureza econômica, financeira, física e de produtividade com relação a entidade objeto de contabilização.

Iudícibus & Marion (2002, p.42) também definem a contabilidade como sendo:

O grande instrumento que auxilia a administração a tomar decisões. Na verdade, ela coleta todos os dados econômicos, mensurando-os monetariamente, registrando-os e sumarizando-os em forma de relatórios ou de comunicados, que contribuem sobremaneira para tomada de decisões.

De acordo com a Norma Brasileira de Contabilidade – NBC T 1:

A contabilidade, na sua condição de ciência social, cujo objeto é o Patrimônio, busca, por meio da apreensão, da quantificação, da classificação, do registro, da eventual sumarização, da demonstração, da análise e relato das mutações sofridas pelo Patrimônio da Entidade particularizada, a geração de informações quantitativas e qualitativas sobre ela, expressas tanto em termos físicos quanto monetários.

A contabilidade é a ciência que estuda o patrimônio das entidades, com a finalidade primordial de fornecer subsídios aos seus administradores, para que esses possam direcionar os rumos a ser seguidos pela organização.

2.2.3 Objeto da contabilidade

O objeto de estudo delimita o campo de abrangência de uma ciência. A contabilidade tem como objeto de estudo o patrimônio das entidades contempladas pelo serviço contábil.

A Resolução 774 de 16 de dezembro de 1994 do Conselho Federal de Contabilidade – CFC (2000, p.30) define que:

Na Contabilidade, o objeto é sempre o patrimônio de uma Entidade, definido como um conjunto de bens, direitos e obrigações para com terceiros, pertencente a uma pessoa física, a um conjunto de pessoas, como ocorrem nas sociedades informais, ou a uma sociedade ou instituição de qualquer natureza, independentemente da sua finalidade, que pode, ou não, incluir lucro.

Crepaldi (1995), justifica que a contabilidade tem como objeto o patrimônio da entidade, tendo como premissa básica, a flexibilidade do mesmo, que se altera a cada operação e sabendo que o volume de transações requer um controle próprio. Carneiro (1960, p.21) acrescenta que o objeto da contabilidade “é o patrimônio, sobre o qual se exerce a administração econômica, no sentido da sua permanência e produtividade”.

Para Franco (1997, p.21) o objeto da contabilidade é o patrimônio das entidades, sendo que entende-se como patrimônio o conjunto de bens, direitos e obrigações ligados à entidade econômico-administrativos, e constitui um meio indispensáveis para a realização de seus objetivos. O Autor complementa afirmando que:

Para conhecer a situação do patrimônio em determinado momento, bem como suas variações e os efeitos da ação administrativa sobre a riqueza patrimonial, é que a Contabilidade registra, classifica, demonstra, analisa e interpreta os fatos ocorridos no patrimônio, evidenciando seus aspectos específicos (qualitativos) e quantitativos, para fins de orientação administrativa.

O objeto de análise da contabilidade é o patrimônio, seja ele de uma empresa multinacional, ou até mesmo de uma pessoa física, e contempla sua constituição, suas mutações e os seus resultados em determinado período avaliado.

2.2.4 Objetivos da contabilidade

Conforme, Hendriksen & Van Breda (1999, p.90), “objetivos representam algo para o qual há direcionamento de esforço, um alvo ou finalidade da ação”. A contabilidade como ciência aplicada possui como objetivo ou finalidade o controle do patrimônio das entidades, fornecendo informações que possam embasar as tomadas de decisões dos gestores.

Os objetivos da contabilidade podem ser estruturados com base em duas ações: a de planejar e a de controlar. Como afirma Gonçalves & Baptista (1996, p.24):

A Contabilidade tem por fim registrar os fatos e produzir informações que possibilitem ao titular do patrimônio o planejamento e o controle de suas ações.

Segundo Ludícibus et al. (1998), as finalidades para as quais se usa a informação contábil, podem ser divididas de duas formas básicas: finalidade de controle e finalidade de planejamento. A primeira consiste em um processo pelo qual a alta administração certifica-se de que a empresa está agindo em conformidade com os planos e políticas traçadas pelos donos do capital e pela própria alta

administração. Já a segunda, é o processo de decidir que rumo as ações deveram tomar no futuro.

Para Sá (1998, p.89), as finalidades da contabilidade são:

Orientação para investidores e para o mercado de capitais. Orientação para credores e instituições de crédito. Orientações sociais e trabalhistas. Análises científicas para modelos de comportamento da riqueza para ensejar decisões administrativas. Modelos para a prosperidade. Controles governamentais de fiscalização e auditoria fiscal. Instrumentos de provas judiciais e perícia contábil. Previsões de ocorrências e efeitos orçamentários. Explicação de fatos patrimoniais e análises contábeis. Investigação sobre a regularidade da gestão. Dados e pesquisa social e econômica.

Franco (1997) relaciona a Contabilidade à história humana, pois sem ela seria impossível conhecer o passado e o presente da vida econômica da entidade, e também não seria possível prever o futuro e nem elaborar planos para a orientação administrativa da entidade. Porém, o autor (1997, p.22) afirma que a finalidade principal da contabilidade é: “fornecer informações e orientações de caráter econômico-financeiro”. E, ainda salienta que sem tais aspectos a administração da entidade não dispõe de elementos que possam subsidiar a tomada de decisões.

A finalidade primordial da contabilidade pode ser considerada de prover informação estruturada de natureza econômica, financeira, física, de produtividade e social, aos usuários internos e externos à entidade objeto da contabilidade (Iudícibus & Marion, 2002).

O objetivo ou finalidade da contabilidade é o de gerar informações sobre o patrimônio das entidades e suas mutações, aos gestores e administradores, a fim de orientar as decisões a serem tomadas referentes à entidade, procurando manter e expandir o seu patrimônio.

2.2.4.1 Informação contábil

A informação contábil sobre o patrimônio da empresa pode ser considerada como o grande produto da contabilidade. A Norma Brasileira de Contabilidade – NBC T 1 – refere-se, assim:

As informações geradas pela Contabilidade devem propiciar aos seus usuários base segura às suas decisões, pela compreensão do estado em

que se encontra a Entidade, seu desempenho, sua evolução, riscos e oportunidades que oferece.

Além disso, a norma estabelece que a informação contábil deve ser expressa por diversos meios, como:

Demonstrações contábeis, escrituração ou registros permanentes e sistemáticos, documentos, livros, planilhas, listagens, notas explicativas, mapas, pareceres, laudos, diagnósticos, prognósticos, descrições críticas ou quaisquer outros utilizados no exercício profissional ou previstos em legislação.

Ainda, a Norma Brasileira de Contabilidade – NBC T 1, dispõe que a informação contábil deve ser antes de tudo, veraz e eqüitativa, satisfazendo as necessidades de seus diversos usuários, propiciando revelações suficientes sobre a entidade. Para isso, a norma citada elenca os atributos indispensáveis à informação contábil:

- Confiabilidade: Faz com que o usuário aceite a informação contábil, considerando-a completa, verdadeira e pertinente;
- Tempestividade: O usuário deve estar de posse da informação em tempo hábil, para que possa utilizá-la para seus fins;
- Compreensibilidade: A informação contábil deve ser exposta da maneira mais compreensível ao usuário a que se destine, de forma clara e objetiva;
- Comparabilidade: Deve possibilitar ao usuário o conhecimento da evolução entre determinada informação ao longo do tempo.

Iudicibus & Marion (2002), destacam a importância de analisar a relação custo/benefício da informação contábil, que nada mais é, do que a comparação entre sua utilidade, ou seja, seu benefício, com o custo para levantar tal informação. Isso é possível, investigando algumas características que a informação contábil deve possuir, tais como: compreensibilidade, relevância, confiabilidade e comparabilidade.

Para Hendriksen & Van Breda (1999) a informação contábil deve apresentar características qualitativas que são atributos de informação contábil que tende a ampliar sua utilidade, dentre elas podem ser citadas as seguintes: duração ou sobrevivência a passagem do tempo; generalidade ou aplicabilidade a todas as entidades contábeis e viabilidade ou capacidade de aplicação e suscetibilidade de verificação objetiva.

Desse modo, verifica-se que a informação contábil, como resultado final e mais importante do serviço contábil, visa satisfazer as necessidades dos vários usuários da contabilidade.

2.2.5 Usuários da contabilidade

No momento da constituição de uma entidade, automaticamente, o interesse de diversos grupos de pessoas é despertado, de seus proprietários, de futuros empregados e investidores, do governo, etc. Cabe a contabilidade, fornecer as informações sobre a entidade, que responda às perguntas de que os usuários necessitam.

Filho (2007), afirma que, os usuários da contabilidade são as pessoas que se utilizam dela, que se interessam pela situação da empresa, e podem ser divididos como internos e externos.

Usuários internos, são todas as pessoas ou grupos de pessoas relacionadas com a empresas, com fácil acesso as informações, tais como: gerentes ou administradores, funcionários e diretoria. Já, os usuários externos, são pessoas sem tanta facilidade ao acesso das informações, que não freqüentam o ambiente interno das entidades, tais como: bancos, concorrentes, fornecedores, clientes e governo.

Iudícibus & Marion (2002), afirmam que, os usuários internos são: administradores, gerentes, funcionários, etc. e os usuários externos, são:

- Investidores: através da informação contábil, identificam a situação econômica-financeira da empresa, tendo elementos necessários para decidir as melhores alternativas de investimentos;
- Fornecedores: usam a contabilidade para analisar a capacidade de pagamento da empresa;
- Bancos: utilizam os resultados contábeis para aprovar empréstimos, limite de crédito, etc.;
- Governo: não só utiliza os relatórios contábeis para que haja a arrecadação de impostos como também para dados estatísticos, servindo para redimensionar a economia;
- Sindicatos: utilizam a contabilidade para determir a produtividade do setor, fator relevante para reajuste de salários;

- Outros interessados como: órgãos de classes, pessoas e diversos institutos, como a CVM, o CRC, etc.

O produto final do serviço contábil deve suprir aos questionamentos dos diversos grupos de usuários da contabilidade, tanto os internos ou externos à organização.

2.2.6 Técnicas contábeis

Conforme Imbassahy (2005), as técnicas contábeis são o conjunto de procedimentos utilizados na ciência contábil, para que os fins propostos sejam atingidos.

Já Gonçalves & Baptista (1996), conceituam técnicas contábeis como sendo o conjunto de métodos organizados de forma sistemática, desenvolvidos e postos em execução. Para os autores, as técnicas contábeis são:

- Escrituração: registro em livros especiais e em linguagem própria, de todos os fatos que influenciam na composição do patrimônio;

- Demonstrações Contábeis: técnica de elaboração periódica de relatórios sobre o estado do patrimônio e o efeito da gestão administrativa sobre ele ao longo do tempo. As principais demonstrações contábeis são: Balanço Patrimonial, Demonstração do Resultado do Exercício, Demonstração de Origens e Aplicações de Recursos, Demonstração das Mutuações do Patrimônio Líquido e Demonstração de Lucros e Prejuízos Acumulados;

- Auditoria Contábil: técnica de verificação, avaliação da qualidade, confiabilidade dos registros contábeis e informações produzidas pela entidade;

- Análise de Balanço: é a avaliação da situação do patrimônio, no que diz respeito à capacidade financeira, ao desempenho operacional, à sobrevivência da entidade, suas possibilidades de expansão e desenvolvimento.

As técnicas contábeis são os procedimentos utilizados pela contabilidade para através do estudo de seu objeto, apresentarem resultados compatíveis com suas finalidades.

2.2.7 Campo de aplicação da contabilidade

O campo de aplicação da contabilidade é um dos mais amplos de todas as ciências. Segundo Franco (1997), o campo de aplicação da contabilidade são as entidades econômico-administrativas, com ou sem fim lucrativo. Já Ludícibus & Marion (2002), afirmam que toda entidade que exerça atividade econômica como meio ou fim é o campo de aplicação da contabilidade.

Conforme Gonçalves & Baptista (1996), a ciência contábil, suas técnicas e métodos são aplicáveis a todas as pessoas sejam físicas ou jurídicas, públicas ou privadas, de fins lucrativos ou não. Os autores complementam afirmando que onde existir um patrimônio sujeito à ação administrativa do homem estará a contabilidade.

Ludícibus et al. (1998), salientam que a contabilidade como ciência aplicada desenvolve técnicas para captar, registrar, acumular, resumir e interpretar os fenômenos que afetam as situações patrimoniais, financeiras e econômicas de qualquer ente, seja pessoa física, entidade de finalidades não luvrativas, empresas, pessoa de direito público, tais como: Estado, Município, União, Autarquias, etc.

Alguns estudiosos fundamentam que basta obter patrimônio para existir campo de aplicação da contabilidade, seja um patrimônio empresarial ou pessoal.

2.2.8 Áreas ou ramos da contabilidade

Não existe uma divisão única e certa das áreas da contabilidade, alguns autores acreditam que tais divisões são fictícias, apenas uma questão de nomenclatura. Outros, praticamente consideram que há várias contabilidades. Na teoria as separações em áreas são justificadas, em função da realização de estudos específicos e aprofundados.

Gralmente a contabilidade é dividida em áreas ou ramos, com a finalidade de aperfeiçoamento de técnicas aplicadas a determinadas atividades ou pessoas e o estudo do aspecto específico da contabilidade. As áreas da contabilidade podem ser estudadas isoladamente, mas são desconsideradas matérias independentes, pois possuem o mesmo objeto, o patrimônio das entidades. Dentre as mais comuns, destacam-se as seguintes: Contabilidade Geral, Contabilidade de Custo, Contabilidade Bancária, Contabilidade Pública, Contabilidade de Seguros, Auditoria, etc.

Iudícibus & Marion (2002), comentam que a contabilidade como profissão, apresenta um vasto campo de atuação, e dividem a contabilidade propriamente dita em: Contabilidade Financeira, Contabilidade de Custos e Contabilidade Gerencial. Sendo que a contabilidade financeira, também denominada contabilidade geral, de acordo com a atividade em que é aplicada, recebe diversas denominações, tais como: Contabilidade Bancária, Hospitalar, Industrial, Pública, entre outras e é a área contábil que é exigida às empresas.

As áreas da contabilidade são divididas conforme seu direcionamento a determinados aspectos. Diversos autores afirmam que as empresas devem possuir além de uma contabilidade financeira ou geral, uma contabilidade de custos, gerencial e uma auditoria, valendo-se assim de uma contabilidade completa.

2.3 Contabilidade financeira

2.3.1 Conceitos de contabilidade financeira

A contabilidade financeira é aquela que atende as exigências do fisco. Ela é obrigatória, e conhecida como contabilidade tradicional ou contabilidade geral e dependendo da atividade que é aplicada, recebe denominação própria, como por exemplo: Contabilidade Bancária (bancos), Contabilidade Hospitalar (Hospitais), etc.

Para Iudícibus & Marion (2002, p.44):

A Contabilidade Financeira é a contabilidade geral, necessária a todas as empresas. Fornece informações básicas aos seus usuários e é obrigatória conforme a legislação comercial.

De acordo com Atkinson et al. (2000), a contabilidade financeira consiste em um processo de elaboração de demonstrativos financeiros para satisfazer às necessidades dos usuários externos a empresa, sendo influenciados por autoridades que estabelecem padrões, regulamentos fiscais, bem como, exigências de auditoria de contadores independentes.

A Contabilidade Geral ou Financeira é norteadada pela legislação vigente e segue os princípios fundamentais da contabilidade, estabelecidos pelo Conselho Federal de Contabilidade.

2.3.2 Princípios fundamentais de contabilidade

Ter princípio, nada mais é, do que, seguir um preceito ou uma regra. Na contabilidade, não é diferente. Para Ludícibus & Marion (2002, p.89), os princípios fundamentais de contabilidade são “os conceitos básicos que constituem o núcleo essencial que deve guiar a profissão na consecução dos objetivos da contabilidade”.

O Conselho Federal de Contabilidade, através da resolução nº. 750, de 29 de dezembro de 1993, estabelece como princípios fundamentais da contabilidade:

- Princípio da Entidade: O Princípio da Entidade reconhece o Patrimônio como objeto da contabilidade e afirma a autonomia patrimonial, a necessidade da diferenciação de um patrimônio particular no universo dos patrimônios existentes.
- Princípio da Continuidade: A Continuidade ou não da entidade, bem como sua vida definida ou provável, devem ser consideradas quando da classificação e avaliação das mutações patrimoniais, quantitativas ou qualitativas.
- Princípio da Oportunidade: O princípio da oportunidade refere-se, simultaneamente à tempestividade e à integridade do registro do patrimônio e das suas mutações, determinando que este seja feito de imediato e com a extensão correta, independentemente das causas que as originaram.
- Princípio do registro pelo valor original: Os componentes do patrimônio devem ser registrados pelos valores originais das transações com o mundo exterior, expressos a valor presente na moeda do país, que serão mantidos na avaliação das variações patrimoniais posteriores, inclusive quando configurarem agregações ou decomposições no interior da entidade.
- Princípio da Atualização Monetária: Os efeitos da alteração do poder aquisitivo da moeda nacional devem ser reconhecidos nos registros contábeis através do ajustamento da expressão formal dos valores dos componentes patrimoniais.
- Princípio da Competência: As receitas e as despesas devem ser incluídas na apuração do resultado do período em que ocorrerem, sempre simultaneamente quando se correlacionarem, independentemente de recebimento ou pagamento.
- Princípio da Prudência: O Princípio da prudência determina a adoção do menor valor para os componentes do ativo e do maior valor para os componentes do passivo, sempre que apresentarem alternativas igualmente válidas para as quantificações das mutações patrimoniais que alterem o patrimônio líquido.

A contabilidade financeira ou tradicional é aquela que atende ao público externo à entidade e para tal precisa necessariamente ser elaborada conforme os princípios contábeis estabelecidos.

2.3.3 Demonstrações contábeis ou financeiras

Além da sincronia com os princípios fundamentais, a contabilidade financeira deve atender as exigências legais. Para tanto, o resultado da análise contábil financeira, ou seja, as demonstrações contábeis, ou também chamadas de demonstrações financeiras, têm que necessariamente adequar-se as imposições da lei.

A Norma Brasileira de Contabilidade – NBC T 3, conceitua as demonstrações contábeis e financeiras como sendo as extraídas dos livros, registros e documentos que compõem o sistema contábil de qualquer entidade. Destaca que, tais demonstrações, devem observar os princípios fundamentais de contabilidade, aprovados pelo Conselho Federal de Contabilidade e também dá nomes às demonstrações contábeis, tais como:

- Balanço Patrimonial: É a demonstração contábil destinada a evidenciar, qualitativa e quantitativamente, numa determinada data, a posição patrimonial e financeira da entidade. O Balanço Patrimonial é constituído pelo ativo, que compreende os bens e direitos da entidade, pelo Passivo, que representa as origens de recurso através das obrigações com terceiro e pelo patrimônio líquido que compreende os recursos próprios da entidade.
- Demonstração do Resultado: É a demonstração contábil destinada a evidenciar a composição do resultado formado num determinado período de operações da entidade. A Demonstração do resultado deve compreender as receitas e os ganhos do período, independentemente de seu recebimento, e as despesas, custos, encargos e perdas pagos ou incorridos, que correspondam a esses ganhos e receitas.
- Demonstração de Lucros ou Prejuízos Acumulados: É a demonstração contábil destinada a evidenciar, num determinado período, as mutações nos resultados acumulados da entidade.
- Demonstrações das Mutações do Patrimônio: É aquela destinada a evidenciar as mudanças, em natureza e valor, havidas no patrimônio líquido da entidade, num determinado período de tempo.
- Demonstrações das origens e aplicações de recursos: É a demonstração contábil destinada a evidenciar, num determinado período, as modificações que originaram as variações no capital circulante líquido da entidade.

A Lei nº. 6.404, de 15 de dezembro de 1976, conhecida como Lei das SA's, através do seu artigo 176, estabelece que as demonstrações financeiras que as companhias devem apresentar ao final de cada exercício social são: Balanço Patrimonial, Demonstração do Resultado do Exercício, Demonstração dos Lucros ou Prejuízos Acumulados e a Demonstração de Origens e Aplicações dos Recursos. Sendo que as demonstrações expressas são completadas por notas explicativas e

outros quadros analíticos, sempre que necessário para melhor esclarecimento sobre a situação patrimonial das empresas.

A lei salienta ainda que as diretorias das empresas devem elaborar tais demonstrações, com o objetivo de exprimir com clareza a situação patrimonial das companhias e as mudanças que houve no exercício corrente.

É importante salientar que uma empresa que tenha uma contabilidade financeira, com demonstrações contábeis dentro dos padrões legais e seguindo a risco os princípios de contabilidade, direciona seu foco para um único usuário; o governo, sendo coerente à produção de uma contabilidade auxiliar nas questões gerenciais, internas à empresa, ou seja, a contabilidade gerencial.

2.4 Contabilidade gerencial

2.4.1 Conceitos de contabilidade gerencial

A contabilidade gerencial é considerada um complemento da contabilidade tradicional, que surge com a finalidade de propiciar uma melhor interpretação dos resultados da empresa para com seus gestores. Diversos são os conceitos dirigidos à contabilidade gerencial, dentre outros, citamos os seguintes:

Ludicibus (1980, p.15), afirma que:

A contabilidade gerencial, num sentido mais profundo, está voltada única e exclusivamente para a administração da empresa, procurando suprir informações que se “encaixem” de maneira válida e efetiva no modelo decisório do administrador.

Segundo Anthony (1974), a contabilidade preocupa-se em gerar informações úteis à administração, fomentando às necessidades dos gestores. A contabilidade gerencial utiliza instrumentos para auxiliar a interpretação dos resultados levantados através da contabilidade financeira.

Atkinson *et al.* (2000), define contabilidade gerencial como o processo de produção de informação operacional e financeira para funcionários e administradores, direcionado para as necessidades informacionais dos indivíduos internos da empresa, com o propósito de orientar suas decisões operacionais e de investimentos.

Conforma Ludícibus & Marion (2002), a contabilidade gerencial é voltada para fins internos, procurando suprir os gestores de um conjunto maior de informações, usada para tomada de decisões e não se prende aos princípios da contabilidade.

Com o passar dos anos, verificou-se que a contabilidade tradicional não é capaz de revelar certas informações da entidade. Com um mercado cada dia mais competitivo, evidencia-se a real necessidade de informações complementares à contabilidade financeira, que possibilitem aos gestores um conhecimento detalhado de sua organização, embasando as decisões necessárias para os rumos da empresa.

2.4.2 Importância da contabilidade gerencial

É aconselhado a todas as empresas, independentemente de seu porte, que utilize a contabilidade gerencial para direcionar seus negócios, usando-a também como um instrumento de análise de desempenho e de monitoramento dos resultados auferidos, pois tal prática proporcionará segurança nas operações presentes e futuras.

Merlo (2006), afirma que a contabilidade gerencial para as empresas, é imprescindível desde o planejamento estratégico e operacional até a execução e controle das atividades, sendo peça fundamental para o bom andamento das empresas, afinal, é ela que prepara as informações e traduz os negócios ao gestor.

As empresas estão em constantes mudanças, cada vez mais necessitam de controles precisos e de informações oportunas sobre seu negócio para adequar suas operações às novas situações.

Segundo Raza (2006), a contabilidade, durante anos, foi vista única e exclusivamente como um sistema de informações tributárias. Atualmente, mesmo que de modo lento, ela passa a ser vista, como instrumento gerencial que se utiliza de um sistema de informações necessárias para registrar as operações da organização, para elaborar e interpretar relatórios que mensurem os resultados e forneçam informações para a tomada de decisão e, para o processo de gestão.

O autor ainda salienta que o primeiro passo para uma contabilidade verdadeiramente gerencial, é que esta seja atualizada, conciliada e mantida com respeito às boas técnicas contábeis.

A contabilidade gerencial atende ao público interno à empresa. Sua importância é clara, pois são os gestores e administradores da entidade que traçam e decidem os caminhos a serem seguidos pela empresa. Para tal função imprescindível dentro de uma entidade, é necessário o conhecimento detalhado das atividades exercidas pela organização e seus resultados.

2.4.3 Objetivos da contabilidade gerencial

A contabilidade gerencial tem como objetivo principal fornecer informações relevantes para a tomada de decisões, por parte dos diretores e gerentes da empresa, sempre buscando o melhor resultado para a entidade.

Corbett (1997), afirma que a contabilidade gerencial tem como objetivo fazer uma conexão entre as ações locais dos gerentes e a lucratividade da empresa, para que eles possam saber quais ações suas levam a empresa em direção à sua meta.

Já para Horngren, Foster & Datar (2000), a contabilidade sob a ótica gerencial apresenta como principais objetivos: a formulação de estratégias gerais e um planejamento em longo prazo, a tomada de decisão sobre alocação de recursos considerando em especial os produtos e os clientes, planejamento e controle de custos operacionais e de atividades e a mensuração da avaliação das pessoas.

Atkinson (1995), pensa que o objetivo da contabilidade gerencial é o de informar para tomada de decisões internas feitas por empregados, gestores e executivos: *feedback* e controle do desempenho das operações.

Na contabilidade gerencial, adota-se uma contabilidade como meio de expressar planos administrativos e como instrumento de apoio às funções administrativas de planejamento, controle operacional, controle gerencial e tomada de decisão destinada ao usuário interno da organização (diretores, gerentes, administradores e outros).

2.4.4 Ferramentas gerenciais

Acredita-se que os procedimentos, técnicas, informações ou relatórios efetuados para a tomada de decisões entre alternativas conflitantes ou na avaliação de desempenho, atribuem-se à contabilidade gerencial. Para tanto, esta esfera da contabilidade faz-se valer de várias ferramentas a fim de alcançar seus objetivos.

Dentre outras, salienta-se as seguintes: a análise de balanço, orçamento empresarial e a margem de contribuição.

A análise de balanço ultrapassa os simplórios limites da avaliação de indicadores, ou cálculos de índices, e chega aos moldes da interpretação da importância desses índices e torna-se um meio de avaliar o desempenho da empresa como um todo.

De acordo com Ludícibus (1993, p.59):

É muito mais útil calcular certo número selecionado de índices e quocientes, de forma consistente, de período para período, e compará-los com padrões pré-estabelecidos e tentar, a partir daí, tirar uma idéia de quais problemas merecem uma investigação maior, do que apurar dezenas e dezenas de índices, sem correlação entre si, sem comparações e, ainda, pretender dar um enfoque e uma significação absolutos a tais índices e quocientes.

Conforme Anthony (1976), a análise de balanços, após a escolha dos índices a serem analisados, deve ter como tarefa fundamental o encontro de um padrão ou norma com que se possa comparar o desempenho real. Em geral, há três tipos de padrões: objetivos, ou orçamentos, fixados antes do período do exame; dados históricos, que mostram o desempenho da empresa no passado; e o desempenho de outras empresas, conforme indicam suas demonstrações financeiras, ou por médias compiladas das demonstrações financeiras de muitas empresas. Nenhum deles é perfeito, porém pode-se fazer uma concessão aproximada para os fatores que causam a não comparabilidade.

As empresas como um todo, destacam-se na questão da previsão de futuros gastos e receitas das empresas. Tal necessidade é visível em um contexto tão competitivo e complexo como o atual mundo empresarial.

Para Santos (2001), todo processo de gerenciamento contábil tem seu ponto culminante, em termos de controle, no orçamento empresarial. Uma das grandes vantagens do orçamento está na obrigatoriedade dos administradores pensarem no futuro, terem uma visão a longo prazo, procurando relacionar também os fatores externos que influenciam as decisões da empresa.

Segundo Padoveze (1994, p.333):

O objetivo do plano orçamentário não é apenas prever o que vai acontecer e seu posterior controle. Ponto básico, entendido como fundamental é o processo de estabelecer e coordenar objetivos para todas as áreas da empresa, de forma tal que todos trabalhem sinergicamente em busca dos planos de lucros.

Numa situação, onde os recursos são cada vez mais escassos, a previsão de despesas e receitas em geral, acaba sendo uma grande arma do empresário, para a maximização dos resultados da entidade.

A margem de contribuição fornece informações ao gerente para decidir sobre diminuir ou aumentar uma linha de produção, para avaliar as alternativas possíveis da produção, de propagandas especiais, etc. Também é possível decidir sobre estratégias de preço, serviços ou produtos e avaliar o desempenho da empresa.

De acordo com Padoveze (1994), a margem de contribuição é igual ao lucro variável unitário do produto, subtraindo os custos e despesas variáveis necessários para produzir e vender o produto.

Essas são as ferramentas mais mencionadas dentre os estudiosos e pesquisadores, porém existem outras que auxiliam na contabilidade gerencial. Tais ferramentas, muitas vezes, se confundem com as usadas na contabilidade financeira.

2.4.5 Diferença entre contabilidade gerencial e financeira

Ao reconhecer que existem áreas ou ramos distintos dentro da contabilidade como um todo, não quer dizer que se tenham duas, ou três contabilidades. Essas ramificações são interligadas, formando o sistema contábil da entidade.

Filho (2007), afirma que toda contabilidade é financeira, conceituando assim, contabilidade financeira como sendo apenas uma terminologia usada apenas para motivar os empresários a utilização das demonstrações contábeis como ferramentas financeiras.

Porém, para Padoveze (1994), a contabilidade gerencial não existe como técnica contábil, mas como ação de ofertar informações relevantes à administração da empresa, sendo um gerenciamento da informação contábil. O autor afirma ainda que os sistemas de informação gerencial e financeiro são distintos e interligados.

Existem algumas diferenças entre a contabilidade gerencial e a financeira. Segundo Ludícibus (1980), definir o ponto que separa os dois grandes ramos da contabilidade é difícil, mas atribui às demonstrações contábeis como ponto de separação entre eles. O autor considera tais informativos como sendo o último degrau do processo financeiro e o ponto de partida da contabilidade gerencial.

Para Atkinson (1995), uma das principais diferenças está nos usuários. O Quadro 1 evidencia as diferenças entre contabilidade financeira e gerencial:

	Contabilidade Financeira	Contabilidade Gerencial
Usuários	Externos	Internos
Objetivo	Apresentar desempenho passado	Informações, tomada de decisões
Tempo	Passado	Futuro
Restrições	Reguladas por regras, princípios	Sem regras estabelecidas
Tipo da Informação	Medidas financeiras	Medidas financeiras e operacionais
Natureza da Informação	Objetiva, auditável	Subjetiva, válidas
Escopo	Altamente agregado, informações sobre a entidade inteira	Desagregado, de informações à ações, decisões locais

Quadro 1 - Elementos básicos da contabilidade financeira e contabilidade gerencial
 Fonte: Atkinson, 1995, p. 136.

2.5 Controle financeiro

O setor financeiro de uma empresa é uma das áreas mais importantes de uma entidade, tal relevância expressa a necessidade de uma atenção maior por parte dos gestores da organização.

O controle financeiro é de suma importância para que a empresa mantenha suas atividades de maneira eficiente e eficaz. Como expõe Nakayasu (2004, p.3):

O controle financeiro permite à organização ter parâmetros das necessidades dos recursos materiais, humanos e financeiros que precisará. Ao mesmo tempo, viabiliza uma melhor utilização de caixa, uma vez que permitem dimensionar quando e quanto será necessário em determinados períodos. Outro ponto importante é poder detectar se um determinado investimento ou negócio é viável financeiramente, pois as fontes de recursos financeiros são limitadas para a maioria das organizações e empresários.

De acordo com Queji (2002, p. 59):

Para fins de controle de gestão financeira interna, os relatórios contábeis advindos da Contabilidade Legal perdem de certa forma, uma de suas principais funções, que é a de suprir informações úteis aos gestores.

Para apurar a situação financeira de uma empresa, os gestores podem utilizar ferramentas suplementares aos demonstrativos da contabilidade tradicional, como a demonstração do fluxo de caixa.

2.5.1 Fluxo de caixa

Independente do porte da empresa evidencia-se a vital importância da busca, por parte da administração da entidade, do equilíbrio dos saldos pertencentes ao caixa, honrando os compromissos e almejando sempre a maior lucratividade. A grande dificuldade dos gestores decorre do dinamismo e descompasso das operações que envolvem o caixa da empresa.

2.5.1.1 Conceitos de fluxo de caixa

Neste contexto, o fluxo de caixa destaca-se como uma importante ferramenta de controle de gestão financeira. Tal demonstrativo apresenta em determinado período o montante total do dinheiro que flui para dentro e fora da empresa.

Com relatam Ludícibus & Marion (2002), o fluxo de caixa demonstra a origem e a aplicação dos recursos que de alguma forma afetam o caixa num determinado período. Os autores destacam também que o fluxo de caixa propicia um planejamento financeiro, objetivando minimizar as sobras, mantendo um montante suficiente para cobrir os compromissos imediatos.

Argumenta Franco (1997), que o fluxo de caixa não era considerado relevante para as empresas, por ser simples resumo da movimentação. Porém o autor salienta que o demonstrativo de fluxo de caixa está progressivamente tornando-se uma ferramenta de controle financeiro de grande utilidade para a administração das empresas modernas.

Complementando a idéia do autor que, quanto maior a necessidade de capital circulante líquido, mais relevante se torna o conhecimento dos recursos financeiros e a maneira com que eles estão sendo aplicados e resgatados pela empresa.

Segundo Nikolay (2006, p.14), o fluxo de caixa “é um instrumento de programação financeira, que corresponde às previsões dos recebimentos/entradas e dos pagamentos/saídas de caixa, em um determinado período”.

Já para Matarazzo (2003), as informações apresentadas pelo fluxo de caixa, entre outras coisas, mencionam à capacidade financeira da empresa em gerar os recursos necessários para manter e expandir seus investimentos, sanar dívidas bancárias de curto e longo prazo, independência bancária em curto prazo e autofinanciamento das operações.

Zdanowicz (2000 apud FERREIRA, 2003), conceitua fluxo de caixa como sendo o instrumento que permite demonstrar as operações financeiras que são realizadas pela empresa, facilitando a análise e a decisão de comprometer os recursos financeiros, de relacionar o uso das linhas de crédito menos onerosos, de determinar o quanto a organização dispõe de capitais próprios, bem como utilizar as disponibilidades da melhor maneira possível.

Os conceitos de fluxo de caixa são apresentados de diversas formas, porém a grande maioria, senão todos são convergentes no sentido de que tal fluxo expressa todas as entradas e saídas de dinheiro do caixa e um determinado período.

2.5.1.2 Importância do fluxo de caixa

No contexto altamente competitivo que vive o mundo empresarial, a aplicação correta dos recursos disponíveis, está cada vez mais difícil. Neste sentido, a elaboração e controle do fluxo de caixa, contemplam os gestores com informações úteis para a administração da empresa.

De acordo com Queji (2002, p.32):

A importância do fluxo de caixa para a continuidade dos negócios é fundamental, uma vez que promove o nível de liquidez necessário para saldar corretamente os compromissos assumidos pela empresa. A insuficiência de caixa pode determinar cortes de crédito, cancelamento de entregas de pedidos, além de ocasionar uma série de descontinuidades em suas operações.

A importância do fluxo de caixa é destacada com ênfase por Matarazzo (1998), que chega a condicionar a falência de muitas empresas à errônea interpretação da demonstração do fluxo de caixa pela administração da empresa.

Ferreira (2003, p.19), destaca:

Fluxo de caixa é de grande importância para eficácia econômico-financeiro e gerencia da empresa quer seja ela pequena média ou grande. É pôr este motivo que as instituições financeiras de crédito muitas vezes exigem sua apresentação antes de aprovarem empréstimos a seus clientes.

O autor salienta ainda que:

Quanto ao controle do fluxo de caixa é tão importante e essencial à empresa quanto o seu processo de planejamento, pois um depende do outro, para que ambos possam ser úteis e práticos. O Administrador deverá acompanhar o desempenho dos planos, informando periodicamente aos seus responsáveis a realização e o quanto falta para realizar. O controle diário reduz a margem de erros, e permite acompanhar a performance, em tempo de aplicar eventuais medidas corretivas.

Já para Marion (2006), o fluxo de caixa é importante porque explica situações contraditórias na empresa, por exemplo, quando comparado com a demonstração do resultado do exercício, indica o porque da empresa ter um lucro considerável e estar com o caixa baixo, não conseguindo liquidar todos suas obrigações.

Observa-se que a demonstração do fluxo de caixa vem deixando de ser uma ferramenta pouco usada pelas entidades e sua importância esta cada vez mais em evidência. No Brasil, a utilização do fluxo de caixa ainda não é obrigatória segundo a legislação, porém estudos realizados pelo Conselho Federal de Contabilidade e pelo Instituto dos Auditores Independentes do Brasil tendem para a obrigatoriedade da demonstração.

2.5.1.3 Objetivos do fluxo de caixa

Quanto aos objetivos do fluxo de caixa, pode-se dizer de maneira simplificada que é demonstrar a realidade do caixa da empresa, especificando os depósitos e as retiradas do caixa dentro de um período estipulado.

Segundo Ferreira (2003), o fluxo de caixa visa confrontar as entradas com as saídas, apresentando uma visão das atividades desenvolvidas e do movimento

financeiro realizado no ativo circulante, que representa o grau de liquidez da empresa.

Matarazzo (1998 apud QUEJI, 2002, p.32), destaca como os principais objetivos do fluxo de caixa os seguintes:

- avaliar alternativas de investimento;
- avaliar e controlar ao longo do tempo as decisões importantes que são tomadas na empresa, com reflexos monetários;
- avaliar as situações presente e futura do caixa na empresa, posicionando-a para que não chegue à situação de liquidez;
- certificar que os excessos momentâneos de caixa estão sendo devidamente aplicados.

Para Santos (2001), o fluxo de caixa tem como objetivo principal dar visão das atividades desenvolvidas e as operações financeiras que são realizadas diariamente, no ativo circulante, dentro das disponibilidades representam o grau de liquidez da empresa. O autor salienta ainda que a empresa deve buscar a otimização dos fluxos de caixa e conseqüentemente reduzir a necessidade do capital de giro.

O fluxo de caixa de forma geral, produz informações relevantes para os gestores decidirem, principalmente a respeito do capital circulante líquido e para obter dados financeiros, que possibilitem planejar da melhor maneira possível os pagamentos dos compromissos da empresa.

2.5.1.4 Métodos de elaboração do fluxo de caixa

Através do fluxo de caixa, a empresa busca o profundo conhecimento sobre a real situação de seu caixa. Portanto, é indispensável a correta elaboração dessa demonstração. Existem dois métodos para a elaboração do fluxo de caixa: o método direto e o indireto.

2.5.1.4.1 Método direto

O método direto aborda todas as atividades operacionais da empresa, relacionando todos os recebimentos e todos os pagamentos efetuados pela entidade.

Argumenta Ferreira (2003, p.21), que o modelo do fluxo de caixa direto “mostra efetivamente as movimentações dos recursos financeiros ocorridas no período”.

Segundo Marion (2006), o método direto de apresentar o fluxo de caixa é também conhecido como fluxo de caixa no sentido restrito; e considera que neste método é demonstrado todos os recebimentos e pagamentos que ocorreram para a variação das disponibilidades em determinado período.

O *Financial Accounting Standard Board* (FASB) conforme o FASB – 95 aconselha, mas não obriga a utilização do fluxo de caixa através do método direto.

Considerando os dois métodos de apresentação, Marion (2006), entende que o método direto possui um poder informativo superior ao método indireto, sendo de melhor aplicação tanto para usuários externos como internos.

2.5.1.4.2 Método indireto

O método indireto compreende uma conciliação entre o caixa gerado pelas operações das atividades da empresa com o lucro líquido. Este método é conhecido, também, como método da reconciliação.

De acordo com Marion (2006), o fluxo de caixa apresentado pelo método indireto pode ser chamado também de fluxo de caixa no sentido amplo e está estruturado por um procedimento semelhante a DOAR (Demonstração de Origens e Aplicação de Recursos) podendo ser considerado uma extensão da mesma. O autor explica que o método consiste em analisar os itens não circulantes, as alterações ocorridas nos itens do circulante, excluindo as disponibilidades.

Já Ferreira (2003, p.14), afirma que:

O método indireto é aquele no qual os recursos provenientes das atividades operacionais são demonstradas a partir do lucro líquido do exercício, ajustado pelos itens considerados nas contas de resultados que não afetam o caixa da empresa.

Esse método é considerado por muitos estudiosos como deficiente principalmente, porque não demonstra as entradas e saídas do caixa de acordo com os seus efetivos valores, fornecendo apenas uma simplificação através de uma diferenciação de saldos.

2.5.1.5 Exemplo de fluxo de caixa

A elaboração do fluxo de caixa, nada mais é do que a análise de todos os itens que de alguma maneira afetam o caixa da empresa, determinando o período que compreende o fluxo de caixa e observando se o impacto das operações é positivo ou negativo.

Como modelo de fluxo de caixa, Marion (2006, p.444), apresenta a Demonstração do Fluxo de Caixa, como segue no Quadro 2.

Saldo Inicial em 20x2	1.500,00
+ Entradas (fontes)	
Recebimentos de vendas	9.500,00
Empréstimos bancários	470,00
Integralização de capital	1.500,00
Total de Entradas	11.470,00
(-) Saídas (Aplicações)	
Aquisições de Móveis e Utensílios	(300,00)
Aquisições de Terrenos	(1.000,00)
Aquisições de Novas Ações	(2140,00)
Pagamentos de Compras	(5.000,00)
Despesas de Vendas	(500,00)
Despesas Administrativas	.(380,00)
Despesas Financeiras	(500,00)
Dividendos	850,00)
Total das Saídas	(10.670,00)
Excesso de entradas sobre as saídas	800,00
Saldo Final em 20x2	2.300,00

Quadro 2 Demonstração do fluxo de caixa

Fonte: Marion (2006, p.444)

O fluxo de caixa constitui um fundamental instrumento de análise financeira de uma empresa. Sua elaboração é inversamente proporcional a sua importância, ou seja, é uma ferramenta de fácil elaboração e entendimento e que produz relevante gama de informações auxiliando os gestores na administração das empresas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Características da empresa

A empresa Pillon Ltda. (denominação fictícia) situa-se na cidade de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul. Foi fundada em 10 de setembro de 1999, pelos sócios, C. Naysinger e M. Pillon (denominação fictícia).

A administração da empresa é realizada por seu sócio proprietário e uma secretária geral. Já as atividades operacionais são efetuadas por quatro colaboradores, com vínculo empregatício, além de contratos esporádicos com profissionais terceirizados.

De acordo com os critérios de enquadramento, a empresa é considerada uma pequena empresa, a qual possui como atividade operacional a venda de equipamentos, vigilância e monitoramento de sistemas de segurança e conta com uma carteira de mais de 100 clientes, das mais variadas áreas da cidade.

3.2 Análise e levantamento dos dados da empresa

A empresa em questão não dispõe de uma contabilidade gerencial, capaz de embasar as decisões do gestor. O serviço de contabilidade é terceirizado e apenas efetua a apuração dos impostos, atendendo exclusivamente ao fisco. Além disso, sua administração não possui um controle financeiro eficaz para satisfazer às suas necessidades.

A pesquisa teve início na coleta de dados da entidade. Durante os meses de fevereiro, março e abril de 2007, a empresa aplicou um simples controle de todos os recebimentos e pagamentos que efetuou, através de uma planilha. Esta serviu apenas para o registro da movimentação financeira, contendo somente as informações: data, descrição da operação e valor, conforme a necessidade da empresa.

De acordo com a empresa, de maneira simplificada, todas as entradas e saídas foram relacionadas, sendo seguido de uma discriminação que melhor atende aos anseios da administração. Por exemplo, no que diz respeito à receita de monitoramento, embora seja considerada prestação de serviço, o gestor necessita

da distinção entre esse tipo de serviço em relação aos demais, como o de instalação dos equipamentos e os contratos de manutenção. Além disso, os outros recebimentos constituem-se nas vendas de equipamentos e sistemas de segurança.

Já nas saídas, todas as despesas pessoais dos sócios, foram consideradas como pró-labore, tendo em vista que a empresa não possui a correta aplicação do princípio fundamental de contabilidade referente à entidade.

Os impostos foram todos agrupados como carga tributária, devido a haver um controle segregado do que está sendo pago, tendo em vista que a empresa apresenta dívidas referentes a parcelamentos de impostos federais e estaduais, além do pagamento dos meses de competência.

Seguindo a mesma lógica, foram discriminados os pagamentos aos fornecedores, os fretes, as despesas com aluguel, com os veículos da empresa e as despesas diversas. Nesta estão incluídas alguns gastos da empresa, como correio, material de escritório, cartório, etc. Ainda, os gastos fixos com luz, telefone e água foram agrupados.

Os honorários representam os pagamentos ao serviço contábil e a assessoria jurídica da empresa. E os salários compreendem os pagamentos aos funcionários, mais possíveis comissões e gratificações concedidas aos colaboradores.

A despesa financeira representa os gastos com os juros pagos, referente aos descontos de duplicatas e cheques. A administração adota a política de descontar títulos no banco, porém, não tem a informação da real necessidade desta prática e muito menos do custo que ela representa para a empresa.

Seguindo os dados levantados pela empresa, conforme Apêndice A, e a segregação, de acordo com a orientação da empresa, foi feita uma análise e, posteriormente, a apuração do fluxo de caixa do mês de fevereiro, como mostra o Quadro 3.

Fluxo de Caixa		
Pillon Ltda		
Fevereiro de 2007		
Saldo Inicial	R\$	265,16
Entradas		
Vendas	R\$	20.716,70
Serviços	R\$	493,00
Monitoramento	R\$	3.861,00
Manutenção	R\$	413,00
Total de Entradas	R\$	25.483,70
Saídas		
Fornecedores	R\$	(4.949,88)
Frete	R\$	(129,60)
Desp. Aluguel	R\$	(370,00)
Salários	R\$	(2.358,50)
Água, Luz e Telefone	R\$	(658,17)
Desp. Veículos	R\$	(680,32)
Desp. Diversas	R\$	(556,24)
Carga Tributária	R\$	(506,41)
Honorários	R\$	-
Desp Financeira	R\$	(2.026,06)
Pró-Labore	R\$	(1.511,73)
Total de Saídas	R\$	(13.746,91)
Saldo Total do Mês	R\$	12.001,95

Quadro 3 - Fluxo de caixa mês de fevereiro 2007 – Pillon Ltda

Primeiramente, foi tomado como base o saldo inicial de fevereiro, conforme informação passada pela empresa. A partir daí, apuradas as entradas e saídas do mês de fevereiro e ao final deste, obtido o saldo final do mês.

Segundo pedido da empresa, a análise dos dados estabeleceu-se da seguinte forma: os gastos referentes aos salários, água, luz, telefone, aluguel, honorários e as despesas diversas foram agrupados e analisados conjuntamente e denominados como gastos fixos.

Os dispêndios com fornecedores e fretes foram tratados, também, de forma conjunta.

Dá-se uma maior atenção às despesas financeiras e as referentes ao pró-labore, tendo em vista a política da empresa de descontar duplicada e a ausência da conscientização do princípio da entidade.

Sendo assim, tem-se os valores dos grupos de gastos referentes ao mês de fevereiro de 2007, conforme Quadro 4, e sua respectiva representação no total de gastos:

GASTOS	VALOR	%
FIXOS	R\$ 3.942,91	28,68%
FORNECEDORES	R\$ 5.079,48	36,95%
DESP. FINANCEIRA	R\$ 2.026,06	14,74%
PRÓ-LABORE	R\$ 1.511,73	11,00%
DESP. VEÍCULOS	R\$ 680,32	4,95%
CARGA TRIBUTÁRIA	R\$ 506,41	3,68%
TOTAL	R\$ 13.746,91	100,00%

Quadro 4 – Representação percentual dos gastos - Fevereiro/2007 – Pillon Ltda

Pode-se verificar que os gastos pessoais dos sócios representam 11,00% do total das saídas do mês. Já as despesas decorrentes da política do desconto de duplicatas correspondem a 14,74% do total no mês de fevereiro.

Em relação às entradas, o quadro 5 explicita a representação dos grupos de gastos em relação ao total de entradas do mês:

GASTOS	VALOR	%
FIXOS	R\$ 3.942,91	15,47%
FORNECEDORES	R\$ 5.079,48	19,93%
DESP. FINANCEIRA	R\$ 2.026,06	7,95%
PRÓ-LABORE	R\$ 1.511,73	5,93%
DESP. VEÍCULOS	R\$ 680,32	2,67%
CARGA TRIBUTÁRIA	R\$ 506,41	1,99%
TOTAL	R\$ 13.746,91	53,94%

Quadro 5 – Representação percentual dos gastos em relação ao total de entradas - Fevereiro/2007 – Pillon Ltda

O gasto da empresa referente ao pró-labore dos sócios, consome 5,93% do total das receitas do mês de fevereiro. No que diz respeito aos gastos financeiros no desconto de duplicatas, consomem 7,95% do total das entradas.

Conforme os dados constantes no Apêndice B, colhidos pela empresa no mês de março de 2007, tem-se o fluxo de caixa.

Fluxo de Caixa		
Pillon Ltda		
Março de 2007		
Saldo Inicial		R\$ 12.001,95
Entradas		
Vendas	R\$ 25.401,00	
Serviços	R\$ 268,00	
Monitoramento	R\$ 4.251,90	
Manutenção	R\$ 300,00	
Total de Entradas		R\$ 30.220,90
Saídas		
Fornecedores	R\$ (8.140,95)	
Frete	R\$ (114,27)	
Desp. Aluguel	R\$ (430,00)	
Salários	R\$ (6.178,00)	
Água, Luz e Telefone	R\$ (531,54)	
Desp. Veículos	R\$ (1.638,35)	
Desp. Diversas	R\$ (665,04)	
Carga Tributária	R\$ (734,68)	
Honorários	R\$ (770,00)	
Desp Financeira	R\$ (4.454,38)	
Pró-Labore	R\$ (3.690,60)	
Total de Saídas		R\$ (27.347,81)
Saldo Total do Mês		R\$ 14.875,04

Quadro 6 - Fluxo de caixa mês de março 2007 – Pillon Ltda

É considerado como saldo inicial do mês de março, o saldo final do mês de fevereiro e, também, seguido o mesmo agrupamento dos gastos para efeitos de análise.

Sendo assim, apurado o fluxo de caixa referente ao mês de março de 2007, os grupos de gastos apresentam os seguintes valores e as respectivas porcentagens em relação ao total de saídas, conforme quadro 7.

GASTOS	VALOR	%
FIXOS	R\$ 8.574,58	31,35%
FORNECEDORES	R\$ 8.255,22	30,19%
DESP. FINANCEIRA	R\$ 4.454,38	16,29%
PRÓ-LABORE	R\$ 3.690,60	13,50%
DESP. VEÍCULOS	R\$ 1.638,35	5,99%
CARGA TRIBUTÁRIA	R\$ 734,68	2,69%
TOTAL	R\$ 27.347,81	100,00%

Quadro 7 – Representação percentual dos gastos - Março/2007 – Pillon Ltda

Nota-se que os gastos pessoais dos sócios, representam em março, 13,50% do total das saídas da empresa. Essa despesa teve um pequeno acréscimo, se comparado ao mês anterior.

A respeito da despesa financeira, esta obteve uma pífia variação, se confrontada ao mês anterior, e representa 16,29% do total das saídas do mês de março.

Na relação dos gastos com o total de entradas, foram encontrados os seguintes valores e seus respectivos percentuais, conforme quadro 8.

GASTOS	VALOR	%
FIXOS	R\$ 8.574,58	28,37%
FORNECEDORES	R\$ 8.255,22	27,32%
DESP. FINANCEIRA	R\$ 4.454,38	14,74%
PRÓ-LABORE	R\$ 3.690,60	12,21%
DESP. VEÍCULOS	R\$ 1.638,35	5,42%
CARGA TRIBUTÁRIA	R\$ 734,68	2,43%
TOTAL	R\$ 27.347,81	90,49%

Quadro 8 – Representação percentual dos gastos em relação ao total de entradas - Março/2007 – Pillon Ltda

Pode-se observar que a despesa financeira decorrente dos descontos de duplicatas consome 14,74% do total dos recebimentos do mês. Além disso, foram necessários 12,21% do total das vendas para cobrir os gastos pessoais dos sócios.

Da mesma forma, como nos meses anteriores, para o mês de abril de 2007 tem-se o saldo final do mês de março como sendo o inicial do mês de abril. O fluxo

de caixa do mês de abril compõe-se da seguinte maneira, elaborado de acordo com os dados constantes no Apêndice C:

Fluxo de Caixa		
Pillon Ltda		
Abril de 2007		
Saldo Inicial		R\$ 14.875,04
Entradas		
Vendas	R\$ 34.100,00	
Serviços	R\$ 270,50	
Monitoramento	R\$ 1.713,68	
Manutenção	R\$ 300,00	
Total de Entradas		R\$ 36.384,18
Saídas		
Fornecedores	R\$ (18.320,45)	
Frete	R\$ (89,38)	
Desp. Aluguel	R\$ (430,00)	
Salários	R\$ (5.575,00)	
Água, Luz e Telefone	R\$ (785,09)	
Desp. Veículos	R\$ (2.850,26)	
Desp. Diversas	R\$ (1.370,87)	
Carga Tributária	R\$ (1.383,45)	
Honorários	R\$ -	
Desp Financeira	R\$ (3.949,81)	
Pró-Labore	R\$ (1.760,32)	
Total de Saídas		R\$ (36.514,63)
Saldo Total do Mês		R\$ 14.744,59

Quadro 9 - Fluxo de caixa mês de abril 2007 – Pillon Ltda

Para o mês de abril, há uma variação significativa em alguns grupos de gastos como se apresenta no quadro 10.

GASTOS	VALOR	%
FIXOS	R\$ 8.160,96	22,35%
FORNECEDORES	R\$ 18.409,83	50,42%
DESP. FINANCEIRA	R\$ 3.949,81	10,82%
PRÓ-LABORE	R\$ 1.760,32	4,82%
DESP. VEÍCULOS	R\$ 2.850,26	7,81%
CARGA TRIBUTÁRIA	R\$ 1.383,45	3,79%
TOTAL	R\$ 36.514,63	100,00%

Quadro 10 – Representação percentual dos gastos - abril/2007 – Pillon Ltda

Percebe-se que a despesa financeira no mês de abril, representa 10,82% do total das saídas do referido mês, ou seja, em relação o mês anterior, esse tipo de gasto sofreu uma significativa redução.

Os gastos pessoais dos sócios, no mês de abril, correspondem a 4,82% do total dos pagamentos efetuados pela empresa. Nota-se uma brusca redução percentual desse tipo de despesa, se comparada ao mês anterior.

A análise dos gastos em relação ao total das entradas do mês de abril, em valores e porcentagens, é apresentada no quadro 11.

GASTOS	VALOR	%
FIXOS	R\$ 8.160,96	22,43%
FORNECEDORES	R\$ 18.409,83	50,60%
DESP. FINANCEIRA	R\$ 3.949,81	10,86%
PRÓ-LABORE	R\$ 1.760,32	4,84%
DESP. VEÍCULOS	R\$ 2.850,26	7,83%
CARGA TRIBUTÁRIA	R\$ 1.383,45	3,80%
TOTAL	R\$ 36.514,63	100,36%

Quadro 11 – Representação percentual dos gastos em relação ao total de entradas - abril/2007 – Pillon Ltda

Na análise da representatividade dos gastos na receita bruta da empresa, o pró-labore do mês de abril corresponde a 4,84% dos recebimentos totais do mês. E as despesas financeiras representam 10,86% das receitas.

Nota-se que no mês de abril a empresa gastou mais do que recebeu, porém o saldo de meses anteriores suportou o saldo negativo do mês atual.

Considerando o total dos valores no trimestre pesquisado, segundo os dados fornecidos pela empresa, pode-se calcular o montante total referente a cada grupo de gastos, no referido período, conforme mostra o quadro 12.

GASTOS	VALOR	%
FIXOS	R\$ 20.678,45	26,64%
FORNECEDORES	R\$ 31.744,53	40,90%
DESP. FINANCEIRA	R\$ 10.430,25	13,44%
PRÓ-LABORE	R\$ 6.962,65	8,97%
DESP. VEÍCULOS	R\$ 5.168,93	6,66%
CARGA TRIBUTÁRIA	R\$ 2.624,54	3,38%
TOTAL	R\$ 77.609,35	100,00%

Quadro 12 – Representação percentual dos gastos – fevereiro a abril/2007 – Pillon Ltda

Dessa maneira, observa-se que as despesas financeiras com desconto de duplicatas correspondem a 13,44% de todas as saídas da empresa, no trimestre em questão. Já o montante referente aos gastos pessoais dos sócios, chega a 8,97% de todos os pagamentos efetuados pela empresa no período.

Com relação às entradas do trimestre, o Quadro13 mostra suas variações no decorrer do período:

	FEV	MARÇO	%	ABRIL	%
Vendas	R\$ 20.716,70	R\$ 25.401,00	22,61%	R\$ 32.100,00	26,37%
Serviços	R\$ 493,00	R\$ 268,00	-45,64%	R\$ 270,50	0,93%
Monitoramento	R\$ 3.861,00	R\$ 4.251,90	10,12%	R\$ 3.713,68	-12,66%
Manutenção	R\$ 413,00	R\$ 300,00	-27,36%	R\$ 300,00	0,00%
Total	R\$ 25.483,70	R\$ 30.220,90	18,59%	R\$ 36.384,18	20,39%

Quadro 13 – Variação percentual das entradas – fevereiro a abril/2007 – Pillon Ltda

Como é possível visualizar no demonstrativo, a empresa obteve um aumento gradativo de seus recebimentos totais, sendo verificado um acréscimo de 18,59% do primeiro para o segundo mês, e de 20,39% do segundo para o terceiro mês. Pode-se concluir que findo o trimestre em questão, a empresa obteve um aumento significativo de 42,77% em seu total de entradas.

Os cálculos efetuados, com base nas informações fornecidas pela empresa, traduzem uma realidade contrária à situação declarada por seus sócios. No fim do período analisado, a empresa apresenta um saldo positivo de R\$ 14.744,59 em seu caixa, porém a empresa declara que adota a política de desconto de títulos, para suprir a falta de capital de giro.

Essa situação contraditória pode ser explicada pela total falta de um controle financeiro que possa atender às reais necessidades da empresa.

3.3 Controle financeiro proposto

Através das análises efetuadas, evidencia-se a primordial importância de um eficiente e eficaz controle. Diante disso, é elaborado um controle financeiro de maneira simples de ser utilizada e atendendo às necessidades de *software* disponível pela estrutura da empresa. Utilizou-se uma planilha eletrônica que não gera custo de implantação nem de manutenção por parte da empresa e que aplicado ao volume da movimentação desta, enquadra-se de maneira aceitável para operacionalização.

A idéia principal é de centralizar todos os controles das contas a receber e das contas a pagar de forma que ao mesmo tempo em que existissem tais controles, houvesse uma informação gerencial de quando seria o momento mais adequado para o desconto das duplicatas, que é uma prática rotineira da empresa. Além disso, o controle proporciona uma informação dos valores que foram recebidos e pagos conforme discriminação sugerida pela empresa.

O controle é composto de cinco planilhas interligadas: contas a receber, contas a pagar, fluxo diário de caixa, planejamento de pagamentos e recebimentos e resumo mensal. As duas primeiras funcionam como o “banco de dados do sistema”. Nestas são inseridas as informações como valores, datas de vencimentos dos pagamentos e recebimentos, etc. As demais resultam do manuseio das duas primeiras, atendendo às necessidades de controles da empresa.

A planilha referente às contas a receber é elaborada de maneira contínua, ou seja, é colocado o primeiro mês a ser controlado, e os demais meses são alocados logo abaixo. Já as demais planilhas são todas mensais, uma planilha para cada mês correspondente.

Seleciona-se tal sistemática pelo fato da empresa ter condições de no início de cada mês realizar uma fácil previsão de grande parte dos valores de contas a receber, ou seja, devido a empresa ter como principal atividade operacional o monitoramento que se trata de uma mensalidade paga pelos clientes. A idéia central baseia-se na possibilidade de a qualquer momento o usuário poder confrontar os valores a receber com os valores a pagar, a fim de tomar as devidas decisões, o que pode ser a principal dificuldade de controle financeiro da empresa.

Devido a sistemática utilizada, todas as movimentações são consideradas a prazo, a fim do preenchimento automático do fluxo diário de caixa e conseqüentemente, do resumo mensal das movimentações.

Desta forma, faz-se necessário a análise individual de cada uma das planilhas para evidenciar o funcionamento do sistema. Inicia-se, então, pela planilha referente as contas a receber.

Segue exemplo da planilha de contas a receber conforme quadro 14.

CONTAS A RECEBER - CLIENTES							
MÊS:	JULHO		VALORES FIXOS		VALORES VARIÁVEIS		
CLIENTE	VCTO.	VALOR	MONITOR.	MANUT.	EQUIPAM.	SERVIÇO	DATA
ANDERSON	10-jul-07	R\$ 100,00	100,00			-	10-mai-07
VAGNER	10-jul-07	R\$ 200,00	200,00	-			10-mai-07
CARLOS	10-jul-07	R\$ 300,00	300,00	-			10-mai-07
BETH	10-jul-07	R\$ 10.000,00	10.000,00				10-mai-07
TOTAL		R\$ 10.600,00	10.600,00	-	-	-	
TOTAL RECEBIDO NO MÊS			R\$ 10.600,00				
SALDO CONTAS A RECEBER			R\$ 0,00				
MÊS:	AGOSTO		VALORES FIXOS		VALORES VARIÁVEIS		
CLIENTE	VCTO.	VALOR	MONITOR.	MANUT.	EQUIPAM.	SERVIÇO	DATA
ANDERSON	10-ago-07	R\$ 100,00	100,00			-	8-jun-07
VAGNER	10-ago-07	R\$ 200,00	200,00	-			10-jun-07
CARLOS	10-ago-07	R\$ 300,00	300,00	-			8-jun-07
BETH	10-ago-07	R\$ 10.000,00	10.000,00				8-jun-07
TOTAL		R\$ 10.600,00	10.600,00	-	-	-	
TOTAL RECEBIDO NO MÊS			R\$ 10.600,00				
SALDO CONTAS A RECEBER			R\$ 0,00				
MÊS:	SETEMBRO		VALORES FIXOS		VALORES VARIÁVEIS		
CLIENTE	VCTO.	VALOR	MONITOR.	MANUT.	EQUIPAM.	SERVIÇO	DATA
ANDERSON	10-set-07	R\$ 100,00	90,00			-	15-jul-07
VAGNER	10-set-07	R\$ 200,00	150,00	-			15-jul-07
CARLOS	10-set-07	R\$ 300,00	200,00	-			10-jul-07
BETH	10-set-07	R\$ 10.000,00	9.000,00				10-jul-07
TOTAL		R\$ 10.600,00	9.440,00	-	-	-	
TOTAL RECEBIDO NO MÊS			R\$ 9.440,00				
SALDO CONTAS A RECEBER			R\$ 1.160,00				

Quadro 14 – Planilha de contas a receber – Pillon Ltda

Na quadro 14, constam todos os valores a receber da empresa, sejam eles decorrentes da previsão inicial do monitoramento, ou das vendas e serviços prestados no decorrer de cada mês. Os campos a serem preenchidos são: nome do cliente, data do vencimento do título, valor, espécie do recebimento e data do recebimento, sendo que a espécie refere-se aos tipos de receitas que a empresa possui, já mencionado anteriormente.

O funcionamento consiste no preenchimento dos dados de forma que quando seja efetuada uma venda esta seja inserida na planilha com o nome do cliente, a data do seu vencimento e o valor. Esta data e o valor são transportados para a planilha dos planejamentos de pagamentos e recebimentos.

Quando os valores são recebidos, “baixa-se” na respectiva coluna da espécie a qual se refere. Estes valores são lançados automaticamente para o resumo mensal amarrados pela data, ou seja, no final do mês o usuário pode saber quanto foi recebido referente a cada espécie de receita. Além disso, os valores recebidos também são transportados para o fluxo diário de caixa.

Quanto ao desconto de duplicatas, os juros pagos por conta deste são calculados automaticamente. Conforme foi informado pelo proprietário da empresa, as duplicatas são descontadas integralmente, isto é, o cálculo do juro se constitui ao passo que for lançado como recebido um valor menor que o previsto. Esta diferença é o juro, que é calculado, baixando o saldo do contas a receber e enviado para o resumo mensal.

Para melhor entendimento da operacionalização do sistema, utilizou-se, como exemplo o cliente Anderson. A empresa tem para receber deste, um valor com vencimento para o mês de setembro, inicialmente previsto em R\$ 100,00. Porém, no dia 15 de julho de 2007 teve a necessidade de descontar tal título. Desta maneira, é lançado na planilha de contas a receber o valor efetivamente recebido nesta data, no caso os R\$ 90,00. Este valor é transportado para o fluxo diário de caixa na coluna das entradas e para o resumo mensal na sua respectiva espécie de recebimento.

Quanto aos juros pagos pelo desconto, são tratados da seguinte forma: sendo o valor recebido menor que o previsto, este é calculado em uma coluna de juros, de forma que seja transportado para o resumo mensal, a fim de possibilitar a informação de quanto foi pago de juros referente aos descontos efetuados em cada mês; ainda, é considerado no cálculo do saldo das contas a receber, tendo em vista

que se for descontado, apesar de recebido valor inferior, o título deve ser baixado integralmente, pois o saldo não constitui mais um direito da empresa.

Desta maneira, pode-se verificar que o usuário tem disponível o saldo das contas a receber; os seus vencimentos, quanto já foi recebido durante o mês, o valor pago de juros decorrente do desconto, entre outras informações.

CONTAS A PAGAR							
FORNECEDORES	OBS.	VENCIM.	VALOR	VLR. PGTO	JUROS	SALDO	DATA PGTO
X	Dpl. 123	20/7/2007	200,00			200,00	
Y		20/7/2007	1.000,00			1.000,00	
Z		2/7/2007	300,00			300,00	11/7/2007
TOTAL			1.500,00			1.500,00	
COMBUSTÍVEL	OBS.	VENCIM.	VALOR	VLR. PGTO	JUROS	SALDO	DATA PGTO
POSTO PADOIM		20/7/2007				0,00	
TOTAL						0,00	
VEÍCULOS	OBS.	VENCIM.	VALOR	VLR. PGTO	JUROS	SALDO	DATA PGTO
PRESTAÇÃO DO CARRO							
TOTAL							
ÁGUA / LUZ / TELEFONE	OBS.	VENCIM.	VALOR	VLR. PGTO	JUROS	SALDO	DATA PGTO
ÁGUA						0,00	
LUZ						0,00	
TELEFONE						0,00	
TOTAL						0,00	
SERVIÇOS PROFISSIONAIS	OBS.	VENCIM.	VALOR	VLR. PGTO	JUROS	SALDO	DATA PGTO
CONTADOR						0,00	
TOTAL						0,00	
FUNCIONÁRIOS	OBS.	VENCIM.	VALOR	VLR. PGTO	JUROS	SALDO	DATA PGTO
A		30/7/2007	100,00	50,00		50,00	30/7/2007
B		30/7/2007	100,00	50,00		50,00	30/7/2007
C		30/7/2007	100,00	50,00		50,00	30/7/2007
TOTAL			300,00	150,00		150,00	
ENCARGOS TRABALHISTAS	OBS.	VENCIM.	VALOR	VLR. PGTO	JUROS	SALDO	DATA PGTO
INSS		10/7/2007	500,00			500,00	
FGTS		7/7/2007	50,00	50,00		0,00	7/7/2007
TOTAL			550,00	50,00		500,00	
TRIBUTOS	OBS.	VENCIM.	VALOR	VLR. PGTO	JUROS	SALDO	DATA PGTO
SIMPLES		20/7/2007	250,00			250,00	
ISSQN		20/7/2007	250,00			250,00	
ICMS		12/7/2007	150,00			150,00	12/7/2007
TOTAL			650,00			650,00	
PRÓ-LABORE	OBS.	VENCIM.	VALOR	VLR. PGTO	JUROS	SALDO	DATA PGTO
SR. CARLOS						0,00	
DESPESAS DIVERSAS	OBS.	VENCIM.	VALOR	0,00	JUROS	SALDO	DATA PGTO
TOTAL GERAL			3.000,00	200,00		2.800,00	

Quadro 15 – Planilha de contas a pagar – Pillon Ltda

No quadro 15 tem-se a planilha das contas a pagar para demonstrar sua operacionalização e a possibilidade de confrontação com as contas a receber, a fim de estimar a real necessidade do desconto de duplicatas.

Da mesma forma que nas contas a receber, no momento que for adquirida a obrigação, esta deve ser lançada com sua respectiva identificação, data de vencimento e valor na planilha das contas a pagar. Pela data de vencimento, o valor é transportado para a planilha dos planejamentos. Esta constitui o total diário a pagar. Contudo, não havendo capital suficiente, permite a possibilidade da decisão de descontar as duplicatas.

Quando pagos os valores são passados para o fluxo diário de caixa na coluna das saídas. O saldo das contas a pagar é baixado automaticamente, permitindo o confronto do que se tem a receber e a pagar no mês a qualquer momento. Ainda, os valores pagos são enviados ao resumo mensal de acordo com a respectiva espécie. Havendo juros, ou seja, para os pagamentos efetuados em atraso, este é lançado em coluna separada de maneira que estes valores também sejam considerados como saída no fluxo de caixa e ainda constem no resumo mensal como juros pagos no mês, diferenciados dos juros decorrentes do desconto de duplicatas.

As duas planilhas mencionadas até então são as únicas a serem operadas pelo usuário. As demais resultam das informações contidas nestas, isto é, devem ser inseridas e manuseadas com o maior cuidado possível para que as demais traduzam efetivamente o que aconteceu e possam auxiliar como mecanismos gerenciais.

Assim, obtem-se primeiramente, a planilha de planejamento de recebimentos e pagamentos. Está é preenchida automaticamente de forma que todos os valores que possuírem as datas de vencimentos nas contas a pagar e a receber dentro do corrente mês, sejam transportados para as respectivas datas nas colunas de pagamentos e recebimentos. O saldo desta planilha mostra quando haverá as sobras de capital conforme as previsões a receber e a pagar, ou seja, se este ficar negativo em determinada data, é a indicação de que há necessidade do desconto de duplicatas.

PLANEJAMENTO DE RECEBIMENTOS E PAGAMENTOS			
MÊS	JULHO		
DATA	RECEBIMENTOS	PAGAMENTOS	SALDO
SALDO INICIAL DE CAIXA			100,00
1/7/2007	0,00	0,00	100,00
2/7/2007	0,00	300,00	-200,00
3/7/2007	0,00	0,00	-200,00
4/7/2007	0,00	0,00	-200,00
5/7/2007	0,00	0,00	-200,00
6/7/2007	0,00	0,00	-200,00
7/7/2007	0,00	0,00	-200,00
8/7/2007	0,00	0,00	-200,00
9/7/2007	0,00	0,00	-200,00
10/7/2007	0,00	500,00	-700,00
11/7/2007	0,00	0,00	-700,00
12/7/2007	0,00	150,00	-850,00
13/7/2007	0,00	0,00	-850,00
14/7/2007	0,00	0,00	-850,00
15/7/2007	0,00	0,00	-850,00
16/7/2007	0,00	0,00	-850,00
17/7/2007	0,00	0,00	-850,00
18/7/2007	0,00	0,00	-850,00
19/7/2007	0,00	0,00	-850,00
20/7/2007	0,00	1700,00	-2550,00
21/7/2007	0,00	0,00	-2550,00
22/7/2007	0,00	0,00	-2550,00
23/7/2007	0,00	0,00	-2550,00
24/7/2007	0,00	0,00	-2550,00
25/7/2007	0,00	0,00	-2550,00
26/7/2007	0,00	0,00	-2550,00
27/7/2007	0,00	0,00	-2550,00
28/7/2007	0,00	0,00	-2550,00
29/7/2007	0,00	0,00	-2550,00
30/7/2007	0,00	150,00	-2700,00
31/7/2007	0,00	0,00	-2700,00
TOTAIS	0,00	2800,00	

Quadro 16 – Planilha de Planejamentos – Pillon Ltda

Como se pode perceber, no quadro 16, os valores previstos para recebimento no mês de julho estão zerados. Isto se deve ao fato de que a empresa já recebeu esses títulos em meses anteriores. Logo, quando um valor for recebido ou pago, ele é excluído do planejamento, de maneira que o saldo a receber e a pagar em abertos sejam iguais aos valores do planejamento o que se traduz numa maneira de conferência do mecanismo.

Como resultado de todas as entradas e saídas relacionadas nas planilhas anteriores, tem-se o fluxo diário de caixa da empresa. Esta planilha é preenchida

conforme as respectivas datas de recebimento e pagamento e serve como um meio de registrar a movimentação efetuada durante o mês, resultando, diariamente, em um valor líquido.

O quadro 17 representa a planilha referente ao fluxo de caixa:

FLUXO DIÁRIO DE CAIXA			
DATA	ENTRADA	SAÍDA	SALDO
SALDO DO FINAL MÊS ANTERIOR:			R\$ 100,00
1/7/2007	0,00	0,00	R\$ 100,00
2/7/2007	0,00	0,00	R\$ 100,00
3/7/2007	0,00	0,00	R\$ 100,00
4/7/2007	0,00	0,00	R\$ 100,00
5/7/2007	0,00	0,00	R\$ 100,00
6/7/2007	0,00	0,00	R\$ 100,00
7/7/2007	0,00	50,00	R\$ 50,00
8/7/2007	0,00	0,00	R\$ 50,00
9/7/2007	0,00	0,00	R\$ 50,00
10/7/2007	9200,00	0,00	R\$ 9.250,00
11/7/2007	0,00	0,00	R\$ 9.250,00
12/7/2007	0,00	0,00	R\$ 9.250,00
13/7/2007	0,00	0,00	R\$ 9.250,00
14/7/2007	0,00	0,00	R\$ 9.250,00
15/7/2007	240,00	0,00	R\$ 9.490,00
16/7/2007	0,00	0,00	R\$ 9.490,00
17/7/2007	0,00	0,00	R\$ 9.490,00
18/7/2007	0,00	0,00	R\$ 9.490,00
19/7/2007	0,00	0,00	R\$ 9.490,00
20/7/2007	0,00	0,00	R\$ 9.490,00
21/7/2007	0,00	0,00	R\$ 9.490,00
22/7/2007	0,00	0,00	R\$ 9.490,00
23/7/2007	0,00	0,00	R\$ 9.490,00
24/7/2007	0,00	0,00	R\$ 9.490,00
25/7/2007	0,00	0,00	R\$ 9.490,00
26/7/2007	0,00	0,00	R\$ 9.490,00
27/7/2007	0,00	0,00	R\$ 9.490,00
28/7/2007	0,00	0,00	R\$ 9.490,00
29/7/2007	0,00	0,00	R\$ 9.490,00
30/7/2007	0,00	150,00	R\$ 9.340,00
31/7/2007	0,00	0,00	R\$ 9.340,00

Quadro 17 – Planilha de fluxo de caixa diário – Pillon Ltda

Segregando todos os valores movimentados durante o mês, conforme a necessidade da empresa tem-se o resumo mensal das movimentações. Este traz os valores separados por espécie. Dessa forma, o usuário verifica, a qualquer tempo, o que efetivamente foi recebido ou pago no total de cada grupo.

Funcionalmente, os valores são transportados de acordo com as datas de recebimentos e pagamentos. Os valores das contas a receber chegam até o resumo pelo valor líquido já descontado os juros e de acordo com a espécie do recebimento. As contas a pagar funcionam da mesma forma. Se pago durante o mês, o valor é transportado para o respectivo campo correspondente a espécie do gasto.

RESUMO MENSAL	
RECEBIMENTOS	VALOR
MONITORAMENTO	9.440,00
CONTRATOS DE MANUTENÇÃO	0,00
VENDAS EQUIPAMENTOS	0,00
MÃO-DE-OBRA	0,00
TOTAL	9.440,00
PAGAMENTOS	VALOR
FORNECEDORES	0,00
COMBUSTÍVEL	0,00
TELEFONE	0,00
ÁGUA	
LUZ	
SERVIÇOS PROFISSIONAIS	0,00
SALÁRIOS	150,00
IMPOSTOS	0,00
ENCARGOS TRABALHISTAS	50,00
PRÓ-LABORE	0,00
DIVERSOS	
TOTAL	200,00
RESULTADO APURADO NO MÊS	9.240,00

Quadro 18 – Planilha do resumo mensal – Pillon Ltda

O resumo mensal apresenta de forma resumida e seguindo a segregação dos gastos e recebimentos que melhor atende as necessidades da empresa. Os valores são automaticamente extraídos das planilhas de contas a receber e de contas a pagar, já distribuindo nos respectivos tipos de gastos e receitas.

Dessa forma, o usuário pode ter a noção de quanto foi gasto durante o mês em cada espécie de despesa e o quanto cada receita contribuiu para a montante total dos recebimentos.

É importante salientar que o sistema de controle financeiro proposto depende de uma correta aplicação. Caso o usuário assim o efetue, tem um conjunto de informação útil, para sua própria análise da empresa e principalmente para

estabelecer as políticas de crédito estabelecidas para o empreendimento, como, principalmente, quanto a captação de recursos a curto prazo e seus reflexos nas finanças da empresa.

4 CONCLUSÃO

Findo o estudo realizado na empresa Pillon Ltda, por meio da pesquisa das informações sobre os recebimentos e pagamentos da empresa e análise dos dados fornecidos pela mesma, efetuou-se o Fluxo de Caixa da entidade, através do qual se verificou que sua situação financeira, se modificou positivamente durante os meses avaliados.

Dentro do período proposto, apurou-se que a empresa obteve um montante de R\$ 14.744,59 em caixa, e seus recebimentos tiveram uma variação positiva de 42,77% no final do trimestre estudado.

Contudo, a análise não condiz com a realidade da empresa, que se obriga a adotar a política de desconto de títulos como forma de obtenção de recursos. Essa prática é motivada, segundo a empresa, pela falta de capital líquido circulante, ou capital de giro, principalmente no que diz respeito a honrar seus compromissos.

Este contexto é resultado, dentre outros motivos, da ausência de um sistema de controle financeiro, capaz de atender as necessidades da entidade, que possa, de maneira simples e sucinta, apresentar aos gestores um controle sobre os recebimentos e pagamentos da empresa durante um determinado período.

A fim de minimizar as dificuldades financeiras e, principalmente, de direcionar as decisões a serem tomadas por parte dos sócios da empresa, sugere-se a implantação de um sistema de controle financeiro, composto por cinco planilhas de Microsoft Excel, que preenchido corretamente pela empresa, poderá nortear os rumos a serem seguidos pela entidade.

De posse do controle financeiro proposto e efetuada a sua correta aplicação, a empresa terá um controle sobre seus clientes, sobre suas despesas e obrigações a pagar, e principalmente, poderá planejar de maneira adequada à sua situação, a obtenção de recursos de terceiros ao mesmo tempo em que apura os custos para esse tipo de operação, além de ter a real idéia do quanto é pago aos sócios, considerando que a empresa não segue o princípio da entidade.

Com base nesse trabalho sugere-se, ainda, um estudo mais aprofundado no que diz respeito aos controles internos, não somente o financeiro, mas o operacional que a empresa exerce, com a finalidade de evitar despesas desnecessárias e maximizar o caixa da empresa.

O desenvolvimento desse estudo foi fundamental para enriquecer a consciência do indispensável papel do contador para uma entidade, que consiste na elaboração de instrumentos menos técnicos, voltados para satisfazer as necessidades dos usuários, com a finalidade de obter informações relevantes sobre o patrimônio da empresa capaz de focar os melhores rumos a serem seguidos pela entidade.

REFERÊNCIAS

- ANTHONY, Robert N. **Contabilidade gerencial: introdução à contabilidade**. São Paulo: Atlas, 1976.
- ARAÚJO, Eugênio, R. Revista S. J. R. J. Rio de Janeiro, n. 18. 2006. Disponível em: <http://www.ifrj.goc.br/rev_sirj/num18/artigos/artigo_1.pdf>. Acesso em: 06.jun. 2007.
- ASSAF NETO, Alexandre; SILVA, César Augusto Tibúrcio. **Administração do capital de giro**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1997.
- ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e análise de balanço: em enfoque econômico-financeiro**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- ATKINSON, A.A.;BANKER, R.D.;KAPLAN, R.S.;YOUNG, S.M. **Contabilidade gerencial**. Editora Atlas: São Paulo, 2000.
- CARNEIRO, Erima. **Biblioteca do Contador: Contabilidade Geral** Vol. 1.Rio de Janeiro: Financeiras 1960.
- CERVO, A.L.;BERVIAN,P.A.;DA SILVA, R. **Metodologia Científica**. 6 ed.: São Paulo: Person, 2006.
- CONSELHO REGIONAL DE CONTABILIDADE DO RIO GRANDE DO SUL. **Princípios Fundamentais de contabilidade e normas brasileiras de contabilidade**. 3 Ed. Porto Alegre 2003.
- CORBETT, Thomas, N. **Contabilidade de ganhos: a nova contabilidade gerencial de acordo com a Teoria das restrições**. São Paulo: Nobel, 1997.
- CREPALDI, Silvio A. **Curso básico de Contabilidade**. São Paulo: Atlas, 1995.
- FERREIRA, Neide S. **A importância da gestão do fluxo de caixa no processo decisório das empresas**. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2003. Disponível em : <[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/E5D4B978975DD98A03256FAC00740E9E/\\$File/NT000A45B6.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/E5D4B978975DD98A03256FAC00740E9E/$File/NT000A45B6.pdf)>. Acesso: em 21 jun. 2007.
- PARADA FILHO, Américo G.. **Análise de balanço** – Portal de Contabilidade. 2007. Disponível em: <<http://www.cosif.com.br/mostra.asp?arquivo=analisebalanco>>. Acesso em: 21 jun. 2007.
- FRANCO, Hilário. **Contabilidade Geral**. 23. ed. Editora Atlas: São Paulo, 1997.
- GIL, A.C., **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- GONÇALVES, Eugênio Celso; BAPTISTA, Antônio Eustáquio. **Contabilidade geral**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GRZYBOVSKI, Denize. TEDESCO, João C. **Empresa familiar: tendências e racionalidades em conflito**. Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 2000.

HENDRIKSEN, E.S.; VAN BRENDA, M.F. **Teoria da contabilidade**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HORNGREN, Charles T.; FOSTER, George; DATAR, Srikant. **Contabilidade de custos**. Rio de Janeiro: LTC, 1997.

IMBASSAHY, João. **Técnicas contábeis. tribuna do Brasil**. Brasília – DF. 2005. Disponível em: <<http://www.tribunadobrasil.com.br/?ned=1470&ntc=5032&sc=17>>. Acesso em: 15 maio 2007.

IUDÍCIBUS, Sergio de. **Contabilidade gerencial**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1980.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Contabilidade gerencial**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1993.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Contabilidade gerencial**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

IUDÍCIBUS, S.; MARION, J.C. **Introdução á teoria da contabilidade**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KOTESKI, Marcos A. **As micro e pequenas empresas no contexto econômico brasileiro**. *Revista FAE Business*, Curitiba, n. 8, p. 16. maio. 2004. Disponível em: http://www.sfrancisco.edu.br/pdf/revista_da_fae/fae_v8_n1/rev_fae_v8_n1_03_koteski.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2007.

MARION, José C. **Contabilidade empresarial**. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MATARAZZO, Dante C. **Análise Financeira de Balanços: abordagem básica e gerencial** – 5. ed. – Sao Paulo: Atlas, 1998.

MERLO, R. **Ciclo de palestras de Ciências Contábeis**. 2006. Disponível em: <www.universia.com.br> acesso em 10 fev.2007.

NAKAYASU, Gilberto, N. **Planejamento e controle financeiro: Economic Value Added (EVA) como instrumento de controle financeiro**. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2006. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/Semead/7semead/paginas/artigos%20recebidos/Finan%E7as/FIN21_-_Economic_value.PDF>. Acesso em: 02 mar. 2007.

NAKOLAY, Sérgio A. **Administração financeira**. FACCAT. 2006. Disponível em: <http://professores.faccat.br/nikolay/Manual_-_Analise_e_Interpretacao_das_Demonstracoes_Financeiras_2006.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2007.

OKAMOTTO, P. **Resolução dos pequenos negócios**. *Revista distribuição*, São Paulo, ed. 149, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.revistadistribuicao.com.br/conteudo>> acesso em: 21 maio 2006.

OLIVEIRA, A. G. **Uma contribuição ao estudo da contabilidade como sistema de informação ao processo de gestão das micro e pequenas empresas: uma pesquisa no estado do Paraná.** Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis – SC. 2004. Disponível em: <<http://www.teses.eps.ufsc.br/resumo.asp?6110-13k>>. Acesso em: 15 mar. 2007.

PADOVEZE, Clóvis L. **Contabilidade gerencial: Um enfoque em sistema de informação contábil.** São Paulo: Atlas, 1994.

PALERMO, Fernanda K. O. **As micro e pequenas empresas como propulsoras do desenvolvimento econômico e social. Contribuição para o incremento das atividades econômicas no âmbito do Mercosul.** Jus Navigandi, Teresina, a. 6, n. 55, mar. 2002. Disponível em: <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=2735>. Acesso em: 03 jun. 2007.

QUEJI, Livio M. **Modelo de fluxo de caixa prospectado para pequenas empresas comerciais à luz do seu ciclo de vida.** Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2002. Disponível em <<http://biblioteca.universia.net/irARecurso.do?page=http%3A%2F%2Fteses.eps.ufsc.br%2Fdefesa%2Fpdf%2F9933.pdf&id=598648>>. Acesso em: 15 mar. 2007.

RAZA, C. **Objetivo e finalidade da contabilidade gerencial.** 2006 site: <www.administradores.com.br/membros.jsp?pagina=membros_espaco_aberto_corp_o&idColuna=2739&idColunista=1936>. Acesso em: 10 fev.2007.

SÁ, Antônio L. **Teoria da contabilidade.** São Paulo: Atlas, 1998.

SANTOS, E.F. **A importância da contabilidade como instrumento de apoio a gestão de micro e pequenas empresas.** Conselho Regional de Contabilidade da Bahia. 2001. site: <<http://www.contabeis.ufba.br/artigos/artigo3.doc>>. Acesso em: 10 fev. 2007.

SERVIÇO DE APOIO ÀS MICROS E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. **Números de empresas no Brasil.** Brasília. 2002. Disponível em <<http://www.sebrae.com.br/mortalidade>>. Acesso em: 19 maio 2006.

SERVIÇO DE APOIO ÀS MICROS E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. **Fatores Condicionantes e taxa de mortalidade de empresas no Brasil.** Belo Horizonte, Novembro 2004. Disponível em <http://www.sebrae.com.br/br/download/boletim_mortalidade.pdf>. Acesso em 20 maio 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Movimentação do caixa – Pilon Ltda - Fevereiro de 2007.

Movimentação de Caixa				
Pilon Ltda				
Fevereiro - 2007				
	ENTRADAS		SAÍDAS	
DATA	DESCRIÇÃO	VALOR	DESCRIÇÃO	VALOR
	Saldo Inicial	R\$ 265,16	Saldo Inicial	
2/2/2007	Máximo Trevisan	R\$ 5.300,00	Pag. BM Eletro	R\$ 218,00
	Hospital de Caridade	R\$ 125,00	Mercado	R\$ 2,25
	Nova Era	R\$ 360,00	Claro	R\$ 345,97
	Residencial Morada Leste	R\$ 1.315,00	GSN	R\$ 620,00
	Desc. Duplicata	R\$ 3.937,00	Unicard	R\$ 103,12
	Residencial Morada Leste	R\$ 50,00	Tel. 32230361	R\$ 197,68
	Hospital de Caridade	R\$ 288,00	Maganus	R\$ 523,16
	Cheque Chico	R\$ 62,00	Claro	R\$ 89,99
	Grazziotin	R\$ 45,00	Expresso S. Miguel	R\$ 23,96
	Elton Velasques	R\$ 68,00	Desp. Marta	R\$ 15,00
	Nabor Ribeiro	R\$ 70,00	Viação U. Sta Cruz	R\$ 47,79
	Emp Ortho News	R\$.200,00	Retenção ISSQn	R\$ 12,00
			Parcel. Simples	R\$ 200,00
			Tecline	R\$ 366,00
			Ilha Moveis	R\$ 350,00
	TOTAL	R\$ 4.185,16	TOTAL	R\$ 3.114,92
	SALDO DO DIA	R\$ 11.070,24		
6/2/2007	Saldo Inicial	R\$ 11.070,24		
			Juros Dupl Nova Era	R\$ 29,38
			Juros Dup Desc	R\$ 402,64
			Juros Desp Cart.	R\$ 44,74
			Jocimar	R\$ 100,00
			Despesa Carlos	R\$ 140,00
			ESET	R\$ 422,00
			Despesa Marta	R\$ 104,00
			Lavagem Carro	R\$ 20,00
			Salário Alexandre	R\$ 700,00
			Salário Marta	R\$ 404,00
			Salário Carlos	R\$ 934,50
			Vale janta Carlos	R\$ 50,00
			Despesa	R\$ 10,00
			MD Contábil	R\$ 20,00
			Fuzzer e Gringo	R\$ 154,89
			Francisco Karer	R\$ 390,00
			FGTS Padoin	R\$ 173,05
			FGTS Consistec	R\$ 36,90
			Brasil Telecon	R\$ 57,39
			Tel Vivo Carlos	R\$ 27,40
			Auto Posto Bittencourt	R\$ 660,32
			Renato Astórfi	R\$ 197,70
	TOTAL	R\$ 11.070,24	TOTAL	R\$ 5.078,91
	SALDO DO DIA	R\$ 5.991,33		

9/2/2007	Saldo Inicial	R\$ 5.991,33		
	Benono Terra	R\$ 50,00	Vale Rodrigo	R\$ 150,00
			Valderes	R\$ 40,00
			Juros s/ cheque	R\$ 80,00
			Emp. Dup Morada Leste	R\$ 645,00
			Razão	R\$ 55,00
			Vale Marta	R\$ 25,00
			Vale Carlos	R\$ 44,00
			Vale Fernando	R\$ 100,00
			Luciona U.	R\$ 70,00
			Mercado nacional	R\$ 2,69
			Juros s/ Dup.	R\$ 245,53
			Kit Dist. Noeli	R\$ 251,79
			Dep. Tecloine	R\$ 230,00
			PIS Consistec	R\$ 15,04
			COFINS	R\$ 69,42
			Juros s/ Dup.	R\$ 79,46
			Juros Rosa	R\$ 60,00
			Juros s/ Dup.	R\$ 286,91
			Tel Claro PC	R\$ 90,00
			Despesas	R\$ 85,80
			Luz Firma	R\$ 132,00
	TOTAL	R\$ 6.041,33	TOTAL	R\$ 2.757,64
	SALDO DO DIA	R\$ 3.283,69		
12/2/2007	Saldo Inicial	R\$.283,69		
	Albertino Mossoi	R\$ 100,00		
	Empres. Ch. O News	R\$ 1.100,00		
	Drog. Camobi	R\$ 2.600,00		
	TOTAL	R\$ 7.083,69	TOTAL	R\$ -
	SALDO DO DIA	R\$ 7.083,69		
14/2/2007	Saldo Inicial	R\$ 7.083,69		
	Venda Pilha	R\$ 6,00		
	TOTAL	R\$ 7.089,69	TOTAL	R\$ -
	SALDO DO DIA	R\$ 7.089,69		
15/2/2007	Saldo Inicial	R\$ 7.089,69		
	Dup. R. Lefrofabcair	R\$ 640,00		
	TOTAL	R\$ 7.729,69	TOTAL	R\$ -
	SALDO DO DIA	R\$ 7.729,69		
19/2/2007	Saldo Inicial	R\$ 7.729,69		
	Denardin	R\$ 80,00		
	TOTAL	R\$ 7.809,69	TOTAL	R\$ -
	SALDO DO DIA	R\$ 7.809,69		
21/2/2007	Saldo inicial	R\$ 7.809,69		
	Venda de Pilha	R\$ 24,00		

	TOTAL	R\$ 7.833,69	TOTAL	R\$ -
	SALDO DO DIA	R\$ 7.833,69		
22/2/2007	Saldo inicial	R\$ 7.833,69	Vale Marta	R\$ 60,00
	Lindolfo Stark	R\$ 30,00	Juros s/ Dup	R\$ 23,70
	Prosegner	R\$ 100,00	Mimo Camp.	R\$ 36,60
	Dup Tomme Molinas	R\$ 1.450,80	FG Inf.	R\$ 250,00
	TOTAL	R\$ 9.414,49	TOTAL	R\$ 370,30
	SALDO DO DIA	R\$ 9.044,19		
26/2/2007	Saldo inicial	R\$ 9.044,19		
			Renato Astolfi	R\$ 163,66
			Luz Residencia	R\$ 252,04
			Net	R\$ 85,21
			GVT	R\$ 271,18
			Viação Uni. Sta Cruz	R\$ 57,85
			Procergs	R\$ 21,50
			Vale Carlos	R\$ 80,00
	TOTAL	R\$ 9.044,19	TOTAL	R\$ 931,44
	SALDO DO DIA	R\$ 8.112,75		
28/2/2007	Saldo Inicial	R\$ 8.112,75		
	Rec. R. Schefelbain	R\$ 645,00	ECT	R\$ 9,00
	Rec. R. Schefelbain	R\$ 695,00	F.g.	R\$ 38,50
	Rec Dupl Hipo Super	R\$ 580,00	Faril	R\$ 70,00
	Rec Distrib. Noeli	R\$ 150,00	nf 715/2	R\$ 650,00
	Coop. Agudo	R\$ 2.783,90	Desp. Dalmolin	R\$ 327,50
	Drog Camobi	R\$ 529,00	Juros s/ dup	R\$ 6,70
			aluguel	R\$ 370,00
			Juros s/ dup	R\$ 22,00
	TOTAL	R\$ 3.495,65	TOTAL	R\$ 1.493,70
	SALDO DO DIA	R\$ 12.001,95		
28/2/2007	Saldo Mensal	R\$ 2.001,95		

APÊNDICE B – Movimentação do caixa – Pilon Ltda - Março – 2007.

Movimentação de Caixa				
Pilon Ltda				
Março - 2007				
	ENTRADAS		SAÍDAS	
DATA	DESCRIÇÃO	VALOR	DESCRIÇÃO	VALOR
	Saldo Inicial	R\$ 12.001,95		
01/03/07			Parc. Gol	R\$ 765,00
			Vale carlos	R\$ 15,00
			Teel Free	R\$ 32,82
			Exp. São Miguel	R\$ 23,96
	TOTAL	R\$ 12.001,95	TOTAL	R\$ 836,78
	SALDO DO DIA	R\$ 1.165,17		
02/03/07	Saldo inicial	R\$ 1.165,17		
	Dup Mon.	R\$ 3.626,00	Reembolso labolce	R\$ 70,00
	Rec. Enio Bortoluzzi	R\$ 25,00	Juros Dup.	R\$ 411,47
			Mercado (marta)	R\$ 20,00
			Salários	R\$ 1.140,00
			Mimo	R\$ 30,00
			Gráficas papeis	R\$ 5,70
	TOTAL	R\$ 4.816,17	TOTAL	R\$ 1.677,17
	SALDO DO DIA	R\$ 3.139,00		
05/03/07	Saldo Inicial	R\$ 3.139,00		
	Dup. Schuster	R\$ 480,00	FG	R\$ 202,22
	Hospital Caridade	R\$ 300,00	Auto Posto Bittencourt	R\$ 660,32
	Dup. Mer. Alb.	R\$ 4.620,00	Renato Astolfi	R\$ 135,00
			Sindicato	R\$ 70,08
			FGTS	R\$ 35,00
			FGTS	R\$ 105,12
			Telefone Claro	R\$ 345,63
			Vale carlos	R\$ 95,00
			Despesa Carro	R\$ 20,00
			Vale Marta	R\$ 50,00
			Juros Dup. Schuster	R\$ 41,81
			Desp. Cartório	R\$ 15,70
			Onibus	R\$ 5,00
			Juros Dup. Alb.	R\$ 786,00
			Auto Posto Bittencourt	R\$ 560,11
			juros Cartório	R\$ 23,48
			Desp.Megans (Campo)	R\$ 1.599,40
			Cartão Telefone Marta	R\$ 25,00
	TOTAL	R\$ 18.539,00	TOTAL	R\$ 4.774,87
	SALDO DO DIA	R\$ 3.764,13		
08/03/07	Saldo Inicial	R\$ 3.764,13		
	Rec. Velasques	R\$ 68,00	Vale Carlos	R\$ 140,00
	Rec. Jassin	R\$ 40,00	Saldo Salário	R\$ 1.442,00
			Nacional	R\$ 4,25

	TOTAL	R\$ 3.872,13	TOTAL	R\$ 1.586,25
	SALDO DO DIA	R\$ 12.285,88		
09/03/07	Saldo Inicial	R\$ 2.285,88		R\$ -
	Rec. Adel.Tavares	R\$ 460,00		
	TOTAL	R\$ 2.745,88	TOTAL	R\$ -
	Saldo do Dia	R\$ 2.745,88		
12/03/07	Saldo Inicial	R\$ 12.745,88		
	Rec.Gás Pistas	R\$ 700,00	Nacional	R\$ 1,89
	Rec. Lisiane F.	R\$ 210,00	Juros Dupl.	R\$ 60,00
			Despesas Diversas	R\$ 3,25
	TOTAL	R\$ 3.655,88	TOTAL	R\$ 65,14
	SALDO DO DIA	R\$ 3.590,74		
13/03/07	Saldo Inicial	R\$ 3.590,74		
	Rec. Eletr. Sta Maria	R\$ 20,00	Vale Newton	R\$ 100,00
	Rec. Planalto	R\$.577,00	Dup. Rafael	R\$ 705,68
	Rec. Trilha	R\$ 350,00	Procergs	R\$ 6,87
	Dup. Rafael	R\$ 800,00	Juros Dup	R\$ 18,00
	Rec Distrib. Noeli	R\$ 110,00	Desp. Carlos	R\$ 24,00
	Igraja Quadr.	R\$ 86,90	juros dupl.	R\$ 130,00
	Rec. Zeno	R\$ 90,00	chico	R\$ 500,00
	Scalcon	R\$ 35,00	Emp. Cheque	R\$ 1.100,00
	Benomo Terra	R\$ 240,00	Desp. carlos	R\$ 60,00
	Parats	R\$ 80,00	Mobilha	R\$ 320,00
	Monitoramento	R\$ 3.538,00	vale Rodrigo	R\$ 180,00
	Nova Era	R\$ 85,00	Desp. Tek Lume	R\$ 207,00
	Cond. Edif. Venân.	R\$ 80,00	Guia Cidade	R\$ 70,00
	TOTAL	R\$ 1.682,64	TOTAL	R\$ 3.421,55
	SALDO DO DIA	R\$ 8.261,09		
14/03/07	Saldo Inicial	R\$ 8.261,09		
			Desp. Megans	R\$ 134,00
			Vale Marta	R\$ 20,00
			ECT	R\$ 2,40
	TOTAL	R\$ 8.261,09	TOTAL	R\$ 156,40
	SALDO DO DIA	R\$ 8.104,69		
19/03/07	Saldo Inicial	R\$ 8.104,69		
			Vale Funcionários	R\$ 200,00
			Desp. Marta	R\$ 80,00
			ECT	R\$ 5,00
			Desp. Carlos	R\$ 240,00
			Juros Dupl.	R\$ 55,00
			Dalmolin	R\$ 322,50
			Tel. Claro	R\$ 90,00
			Nacional	R\$ 3,29
			Exp. São Miguel	R\$ 33,00
			Desp. carlos	R\$ 17,00
			ECT	R\$ 7,80

			Alexandre	R\$ 60,00
	TOTAL	R\$ 8.104,69	TOTAL	R\$ 1.113,59
	SALDO DO DIA	R\$ 6.991,10		
21/03/07	Saldo Inicial	R\$ 6.991,10		
			Telefone Carlos	R\$ 200,06
			Contador	R\$ 420,00
			Juros Dupl.	R\$ 450,60
			Dup. Noeli	R\$ 253,90
			Desp. Cartório	R\$ 7,58
			Dep. Agafarma	R\$ 67,00
			Luz	R\$ 109,09
			Viação Uni. Santa Cruz	R\$ 57,31
			Tel Residencia	R\$ 125,00
			Net Marta	R\$ 85,08
			ISSQN	R\$ 28,78
			ISSQN	R\$ 88,48
			Tel Vivo	R\$ 27,04
			GVT	R\$ 306,06
			Vale Marta	R\$ 25,00
			Vale carlos	R\$ 85,00
			Parcela ICMS	R\$ 192,40
	TOTAL	R\$ 6.991,10	TOTAL	R\$ 2.528,38
	SALDO DO DIA	R\$ 4.462,72		
23/03/07	Saldo Inicial	R\$ 14.462,72		
			Luciano	R\$ 90,00
			Vale carlos	R\$ 115,00
			Farmácia (Marta)	R\$ 10,00
			Parcela Unicard	R\$ 103,12
			Juros Dupl.	R\$ 317,00
			PIS	R\$ 18,54
			Aluguel	R\$ 430,00
			Desp. Cartório	R\$ 2.280,00
			Auto Posto Bittencourt	R\$ 583,37
			Auto Posto Bittencourt	R\$ 103,12
			Vale Marta	R\$ 25,00
			Renato Astolfi	R\$ 163,83
	TOTAL	R\$ 4.462,72	TOTAL	R\$ 4.238,98
	SALDO DO DIA	R\$ 0.223,74		
26/03/07	Saldo Inicial	R\$ 0.223,74		
	Rec. Tchê Viandas	R\$ 1.950,00		
	Rec. Paulo Roberto	R\$ 420,00		
	Rec. Cotrijuc	R\$.500,00		
	Rec. Sul Cava	R\$ 140,00		
	Rec. CDPO	R\$.590,00		
	TOTAL	R\$ 21.823,74	TOTAL	R\$ -
	SALDO DO DIA	R\$ 21.823,74		
27/03/07	Saldo Inicial	R\$ 1.823,74		
			Luz Residência	R\$ 223,42

			Telefone	R\$ 60,56
			Desp. Feluc	R\$ 320,00
			Juros Dupl.	R\$ 122,21
			COFINS	R\$ 66,36
			Sedex Magax	R\$ 10,00
			Comissão Tiago	R\$ 500,00
			Oficina	R\$ 220,00
			Juros Dupl.	R\$ 126,00
			Juros Dupl.	R\$ 219,18
			Parcela Gol	R\$ 726,43
			Parcela Simples	R\$ 200,00
			Mat. Inst.	R\$ 40,00
			Salário 02/07	R\$ 2.466,00
			Frazzon	R\$ 62,00
			Frazzon	R\$ 10,00
			Honorários Adv.	R\$ 350,00
	TOTAL	R\$ 1.823,74	TOTAL	R\$ 5.777,99
	SALDO DO DIA	R\$ 16.045,75		
30/03/07	Saldo Inicial	R\$ 16.045,75		
			Tel. Claro	R\$ 345,00
			Desp. Megaus	R\$ 500,00
			FG	R\$ 184,50
			Juros duplic.	R\$ 17,92
			Juros duplic.	R\$ 23,29
			Vale carlos	R\$ 100,00
	TOTAL	R\$ 16.045,75	TOTAL	R\$ 1.170,71
	SALDO DO DIA	R\$ 14.875,04		
30/3/2007	SALDO MARÇO	R\$ 14.875,04		

APÊNDICE C – Movimentação do caixa – Pillon Ltda - Abril – 2007.

Movimentação do Caixa				
Pillon Ltda				
Abril - 2007				
DATA	ENTRADAS		SAÍDAS	
	DESCRIÇÃO	VALOR	DESCRIÇÃO	VALOR
	SALDO INICIAL	R\$ 14.875,04		
2/4/2007	Rec. Banvenuti	R\$ 150,00	Megajet	R\$ 52,00
	Rec. Mimo	R\$ 70,00	Splengler	R\$ 120,22
	Rec. Fogiatto	R\$ 380,00	Tel Vivo	R\$ 29,37
	Rec. Eletro Sta Maria	R\$ 20.000,00	Berger	R\$ 450,00
	Rec. Aldair	R\$ 4.600,00	Auto Posto Bittencourt	R\$ 546,30
			Rodrigo Garlet	R\$ 318,80
			FGTS	R\$ 105,12
			FGTS	R\$ 35,04
			Fogiatto	R\$ 380,00
			Salário Marta	R\$ 389,00
			Magaus	R\$ 1.040,00
			Mimo	R\$ 106,50
			Grafic	R\$ 0,70
			Luiz Fernando	R\$ 115,00
			Auto Posto Bittencourt	R\$ 43,90
			Vale Carlos	R\$ 100,00
			Vale Carlos	R\$ 55,90
			Mercado	R\$ 3,47
			Consórcio	R\$ 117,94
			Salários Funcionários	R\$ 2.970,00
			Luciano	R\$ 90,00
	TOTAL	R\$ 40.075,04	TOTAL	R\$ 7.069,26
	SALDO DO DIA	R\$ 33.005,78		
10/4/2007	Saldo Inicial	R\$ 33.005,78		
			Telefone	R\$ 130,46
			ICMS	R\$ 192,40
			ICMS	R\$ 323,10
			Braspress	R\$ 15,12
			Frazzon	R\$ 30,82
			Desp. Francisco Xavier	R\$ 3.434,00
			ECT	R\$ 0,90
			Rodrigo	R\$ 480,00
			Marcos	R\$ 530,00
			Almoço	R\$ 16,90
			Férias Rodrigo	R\$ 300,00
			Luciano	R\$ 0,90
			Nacional	R\$ 2,25
			Megaus	R\$ 5.700,00
			Cheque	R\$ 645,00
			Tarifa Cheque	R\$ 20,00
			Tarifa Cheque	R\$ 14,00
			Tarifa CPMF	R\$ 39,01

			Impostos BCO	R\$ 0,82
	TOTAL	R\$ 33.005,78	TOTAL	R\$ 11.875,68
	SALDO DO DIA	R\$ 21.130,10		
12/4/2007	Saldo Inicial	R\$ 21.130,10		
			Prestação Gol	R\$ 656,38
				R\$ 10,00
				R\$ 166,33
				R\$ 13,00
				R\$ 112,00
				R\$ 75,83
				R\$ 322,50
				R\$ 350,00
				R\$ 180,00
	TOTAL	R\$ 21.130,10	TOTAL	R\$ 1.886,04
	SALDO DO DIA	R\$ 19.244,06		
16/4/2007	Saldo Inicial	R\$ 19.244,06		
			Vale Carlos (Curso)	R\$ 190,00
			Mercado	R\$ 82,00
			Despesas	R\$ 15,00
			Vale Marta	R\$ 25,00
			Cheque Deis	R\$ 30,00
			Vale Carlos	R\$ 50,00
			Jantar Petiko	R\$ 50,00
			Farmácia	R\$ 25,00
			Vale Marta	R\$ 43,00
			Gasolina	R\$ 50,00
			Estacionamento	R\$ 1,25
	TOTAL	R\$ 19.244,06	TOTAL	R\$ 561,25
	SALDO DO DIA	R\$ 18.682,81		
17/4/2007	Saldo Inicial	R\$ 18.682,81		
	Rec. Planet car	R\$ 60,00		
	Prosegur	R\$ 200,00		
	Igreja Quad.	R\$ 88,00		
	TOTAL	R\$ 19.030,81	TOTAL	R\$ -
	SALDO DO DIA	R\$ 19.030,81		
19/4/2007	Saldo Inicial	R\$ 19.030,81		
	Rec. Planalto	R\$ 5.000,00	Emp. Rafael	R\$ 400,00
			Desp. Aesul Chargc	R\$ 4.880,00
			COFINS	R\$ 54,66
			PIS	R\$ 11,84
			Auto Posto Bittencourt	R\$ 512,49
			Juros Dupl.	R\$ 33,55
			Procergs	R\$ 21,50
			Aluguel	R\$ 430,00
			Juros Dupl.	R\$ 30,78
			ISSQn	R\$ 72,88
			ISSQn	R\$ 41,36
			Desp. Doc.	R\$ 12,50

			Luciana Viana	R\$ 100,00
			Exp. São Miguel	R\$ 36,29
			Desp. Carlos	R\$ 100,00
			Empr. Rafael	R\$ 695,00
			Schuster	R\$ 250,00
			Desp. Carro	R\$ 180,00
			Mercado	R\$ 82,00
			Juros Dup.	R\$ 221,88
			Juros Dupl.	R\$ 167,12
			Mat. Const. Leo	R\$ 50,00
			Luz Residência	R\$ 259,33
			Juros Dupl.	R\$ 34,53
			Net	R\$ 87,97
			Luz	R\$ 159,40
			GVT	R\$ 299,53
			Brasspress	R\$ 20,00
			Luciano	R\$ 80,00
			Exp. São Miguel	R\$ 17,97
			Renato Astolfi	R\$ 171,61
			Juros Dupl.	R\$ 162,42
			Renato Astolfi	R\$ 146,00
			Juros Dupl.	R\$ 25,00
			Desp. carlos	R\$ 60,00
			Faxineira	R\$ 40,00
			Reembolso Dup. Lisiane	R\$ 105,00
	TOTAL	R\$ 24.030,81	TOTAL	R\$ 10.052,61
	SALDO DO DIA	R\$ 13.978,20		
20/4/2007	Saldo Inicial	R\$ 13.978,20		
	Rec. Dif. Aluguel	R\$ 60,00		
	rec.Dupl. Ortho news	R\$ 80,00		
	Rec. Hipo Super	R\$ 500,00		
	Rec. Diupl. Rafael	R\$ 1.380,00		
	Rec. Dupl. Monit.	R\$ 1.000,00		
	JAM	R\$ 335,68		
	Coop. Agricola	R\$ 280,00		
	Rec. Cond. Ed. Vem.	R\$ 80,50		
	Desc. Dupl. Auto Giro	R\$ 2.120,00		
	TOTAL	R\$ 19.814,38	TOTAL	R\$ -
	SALDO DO DIA	R\$ 19.814,38		
26/4/2007	Saldo Inicial	R\$ 19.814,38		
			Cristiano	R\$ 1.000,00
			Desp. Carlos	R\$ 60,00
			Depósito calção	R\$ 600,00
			Banricar	R\$ 211,29
			Desp. Carlos	R\$ 346,93
			Tarifa TEB	R\$ 18,40
				R\$ 645,00
	TOTAL	R\$ 19.814,38	TOTAL	R\$ 2.881,62
	SALDO DO DIA	R\$ 16.932,76		

30/4/2007	Saldo Inicial	R\$ 16.932,76		
			Parc. Simples	R\$ 200,00
			DARF	R\$ 182,82
			IRPJ	R\$ 152,35
			Serralheiro	R\$ 500,00
			tecno Berger	R\$ 500,00
			Desp. Carlos	R\$ 175,00
			Spray	R\$ 10,00
			Reembolso Schuster	R\$ 250,00
			ADSL	R\$ 30,00
			Deposito Bradesco	R\$ 50,00
			Desp. Carlos	R\$ 40,00
			Surdinas	R\$ 98,00
	TOTAL	R\$ 16.932,76	TOTAL	R\$ 2.188,17
	SALDO DO DIA	R\$ 14.744,59		
30/4/2007	SALDO ABRIL	R\$ 14.744,59		